

INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DE GOIÁS
BACHARELADO EM FILOSOFIA

ERNANDES DE SOUSA BARROS

NIETZSCHE E A MORAL: O IDEAL ASCÉTICO COMO NEGAÇÃO DA VIDA

Goiânia
2024

ERNANDES SOUSA BARROS

NIETZSCHE E A MORAL: O IDEAL ASCÉTICO COMO NEGAÇÃO DA VIDA

Trabalho apresentado ao Curso de Filosofia do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Frei Edson Matias

Goiânia

2024

Apresentação

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe, Raimunda de Sousa Barros que foi minha primeira professora, foi ela quem me ensinou a pronunciar e a escrever as primeiras palavras.

À professora Nelma Nonato, minha primeira professora institucional, com ela eu aprendi a dar os primeiros passos na vida escolar, e foi ela quem soube despertar em mim o fascinante gosto por ler e escrever textos.

Ao professor, Frei Edson Matias, meu orientador, por aceitar esse desafio, e pelas palavras de apoio nas horas difíceis, quando me viu andando triste pelos corredores do IFITEG e me disse: vai dar certo!

À Mônica Patrícia, bibliotecária do IFITEG, pelo “Bom dia!” de todas as manhãs, acompanhado de um lindo sorriso, pelo atendimento e auxílio nas buscas por material de pesquisa e pelo apoio e ajuda na formatação deste trabalho.

Por fim, e não menos importante, a todos os professores do IFITEG, em especial aos leitores desta pesquisa, Professor João Lourenço e Professor Marcos Vinicius. Também estendo meus sinceros agradecimentos a todos os colaboradores desta instituição, e todos os meus colegas de turma que me fizeram companhia durante essa jornada e contribuíram na minha caminhada para chegar até aqui.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à toda sociedade humana, tanto a atual quanto a que por ventura vier no futuro. Que possam ler, entender e debruçar-se sobre o tema dos valores morais e a sua importância para a vida.

*Eu só poderia crer num deus que
soubesse dançar (Nietzsche, 2002, p. 59).*

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa aborda a questão da moral no pensamento de Friedrich Wilhelm Nietzsche. O objetivo principal foi compreender, a partir das reflexões do filósofo, como o ideal ascético foi formado, como é mantido e qual a sua relação com a negação da vida. Para alcançar esse objetivo, optou-se por utilizar principalmente a obra *Genealogia da Moral*, por se tratar de um texto que condensa uma fase derradeira de seu pensamento. Além disso, é uma obra mais sistemática, abordando de forma explícita a questão do ideal ascético. Contudo, também foram consideradas contribuições do filósofo presentes em outras obras, bem como interpretações de comentadores que analisaram a moral em Nietzsche. A filosofia nietzschiana não é de fácil compreensão. Sua abordagem é dinâmica, plural e repleta de perspectivas. Nietzsche se caracterizou como um experimentalista em suas reflexões, testando concepções, assumindo-as e negando-as em seguida. No trabalho realizado, seguindo a genealogia da moral e analisando conceitos centrais de Nietzsche, como vontade de potência, valores morais, má-consciência e memória, foi possível identificar que o ideal ascético representa uma tentativa humana de responder ao sentido da vida. Entretanto, esse ideal se revela também como uma negação da expansão e do pleno desenvolvimento da vida. Por fim, em uma perspectiva propositiva da filosofia de Nietzsche, observa-se que a arte pode representar um caminho genuíno de expressão da vida e de superação de ideais que nos afastam dela.

Palavras-chave: Nietzsche; Moral; Vida; Valor; ideal ascético.

RIASSUNTO

Questo elaborato di ricerca affronta la questione della morale nel pensiero di Friedrich Wilhelm Nietzsche. L'obiettivo principale è stato comprendere, a partire dalle riflessioni del filosofo, come si è formato l'ideale ascetico, come viene mantenuto e quale sia il suo rapporto con la negazione della vita. Per raggiungere questo scopo, si è scelto di utilizzare principalmente l'opera *Genealogia della morale*, in quanto rappresenta una sintesi di una fase matura del suo pensiero. Inoltre, si tratta di un'opera più sistematica, che affronta in modo esplicito la questione dell'ideale ascetico. Tuttavia, sono state considerate anche le riflessioni del filosofo presenti in altre opere, oltre alle interpretazioni di commentatori che hanno analizzato la morale in Nietzsche. La filosofia nietzschiana non è di facile comprensione. Il suo approccio è dinamico, plurale e ricco di prospettive. Nietzsche si caratterizza come uno sperimentatore nelle sue riflessioni, mettendo alla prova concetti, accettandoli e successivamente negandoli. Nell'elaborato svolto, seguendo la genealogia della morale e analizzando concetti fondamentali di Nietzsche, come volontà di potenza, valori morali, cattiva coscienza e memoria, è stato possibile identificare che l'ideale ascetico rappresenta un tentativo umano di rispondere al senso della vita. Tuttavia, quest'ideale si rivela anche come una negazione dell'espansione e del pieno sviluppo della vita. Infine, in una prospettiva propositiva della filosofia di Nietzsche, si osserva che l'arte può rappresentare un autentico percorso di espressione della vita e di superamento degli ideali che ci allontanano dalla medesima.

Parole chiave: Nietzsche; Morale; Vita; Valore; ideale ascetico.

SÚMARIO

	INTRODUÇÃO	10
1	O CONFLITO DA FILOSOFIA DE NIETZSCHE E OS VALORES MORAIS ..	13
1.1	QUEM FOI NIETZSCHE	13
1.2	ASPECTOS GERAIS DA FILOSOFIA DE NIETZSCHE	14
1.3	O MUNDO COMO VONTADE DE POTÊNCIA	16
1.4	O SURGIMENTO DOS VALORES MORAIS	20
1.5	O GRANDE DUELO MORAL.....	26
1.6	O CRISTIANISMO COMO SEQUÊNCIA DA MORAL ESCRAVA	28
2	O PREÇO DA MEMÓRIA	31
2.1	A FUNDAÇÃO DO HOMEM COLETIVO	31
2.2	A RESPONSABILIZAÇÃO	34
2.3	O INDIVÍDUO SOBERANO	35
2.4	'MA-CONSCIÊNCIA'	36
2.5	A MÁ-CONSCIÊNCIA	40
3	O IDEAL ASCÉTICO	44
3.1	O IDEAL ASCÉTICO COMO JUSTIFICAÇÃO	45
3.2	A FALTA DE OPOSIÇÃO AO IDEAL ASCÉTICO	50
3.3	VIDA COMO OBRA DE ARTE	52
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
	REFERÊNCIAS	58

INTRODUÇÃO

Quando nascemos, herdamos de nossos pais não só os traços genéticos, mas recebemos também de forma impositiva a língua, a cultura, a religião, os valores morais e, quase instintivamente seguimos o modo de vida deles. Sem nos dar conta de um mundo já existente, somos imerso em mundo em construção que se refaz a cada dia mais a partir dos valores que já se possuem. Questionar esses valores já estabelecidos não é algo muito comum, afinal já estão dados, é mais fácil simplesmente segui-los.

Durante um bom tempo de nossa infância, vivemos de forma a não querer nada do mundo além de brincar. Mas em determinado momento, o mundo das brincadeiras dar lugar ao mundo das obrigações, e de forma arbitrária somos coagidos a seguir o roteiro social; estudar, participar das festas culturais, dos ritos religiosos, e trabalhar. E assim nos integramos ao convívio social, tornando nos também, parte constitutiva dessa sociedade. É nela que vamos continuar a replicar os valores que recebemos, é nela que nos construímos, nos fazemos como humanos.

A vida cotidiana já estabelece uma rotina sobre nós, acordar pela manhã, escovar os dentes, tomar café, ir para o trabalho, cumprir as tarefas dadas durante uma jornada e voltar para casa no final da tarde. Um belo dia, muito cansado, a gente se joga no sofá da sala e começa a se perguntar: estou eu vivendo ou apenas existindo? Sou eu que escrevo o roteiro da minha história ou estou apenas seguindo um roteiro dado e com ele encenando a vida?

É nesse pequeno fragmento de tempo, nesse ínfimo instante de vida que a gente se dar conta de que a nossa existência está sendo moldada por uma lógica social imposta por valores morais estabelecidos que recebemos e transmitimos a outros indivíduos sem perceber. Pois os valores morais são replicados e se impõem soberanamente aos indivíduos na sociedade, e determina o modo de ser e de viver do povo. Assim, a moral está para o indivíduo como instrumento de controle, pelo qual a sociedade exerce sua força, seu poder.

Por isso, a moral como regra que norteia as relações humanas, desperta em nós o desejo de compreender, interpretar e aplicar em nossas vidas. O desafio ao qual nos propomos é o de investigar à luz da filosofia de Nietzsche, na obra Genealogia da moral, as bases, as raízes, os fundamentos constitutivo deste elemento que se tornou tão sólido na formação das sociedades.

Desde muito tempo, o tema da moral nos provoca, nos inquieta e porquê não dizer que nos incomoda? É muito comum que muitos dos nossos primeiros “porquês”, aqueles que surgem na primeira infância têm a ver com a moralidade. Não por mera semelhança, a filosofia nasce das perguntas, são os “porquês” que dão combustível ao pensamento filosófico.

Muito se tem falado da questão moral, sobretudo do ponto de vista ético, kantiano; moral como regra de conduta, moral como modo de uma vida feliz, moral como caminho para a salvação. Porém aqui nos interessa tratar da moral como mecanismo de controle social, e como ela se instaura no seio da sociedade. Com o desejo de contribuir para com a reflexão filosófica no nosso tempo, a nós, pareceu um grato desafio investigar, discutir e levantar questões que possam suscitar diversas respostas para os problemas dos valores morais, e a concepção de ideal ascético desenvolvido por Nietzsche nos pareceu basilar para compreender como são formados e mantidos os valores morais. Contudo, para isso devemos realizar um percurso em sua filosofia.

Para podermos elucidar melhor nossos objetivos, utilizaremos principalmente, dentre várias obras do filósofo Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844 – 1900), o livro *Genealogia da moral*. Pretendemos fazer o seguinte percurso neste trabalho: no primeiro capítulo apresentaremos de forma breve a história e os principais conceitos do filósofo. Em seguida iremos expor à luz da sua filosofia como surgem os conceitos de bom e mau, bom e ruim, e como eles estão diretamente ligados com a relação de forças que atuam de maneira desorganizada em todo universo que constituem todos os seres existentes.

No segundo capítulo, abordaremos os problemas iniciais da história humana, buscando reconstituir o que está na gênese da formação do homem que lhe permitiu desenvolver as faculdades do intelecto, como instinto de sobrevivência, da memória que está ligada à capacidade que o humano tem de prometer, e da consciência que possibilitou aos humanos formarem grupos com a finalidade de se proteger. E como para a utilidade da comunidade, o indivíduo precisou desenvolver características como a confiabilidade, a fidelidade, a lealdade, a disciplina, a ética, o costume e a moral. Nessa ocasião vamos examinar como surge o sentimento de culpa, a má consciência.

Por último, no terceiro capítulo, destacaremos a concepção de ideal ascético na filosofia de Nietzsche, analisando também como atuam os sacerdotes ascéticos,

esses construtores de ideais da sociedade, e como persuadem e arrebanham os homens. Discutiremos sobre o que significam os ideais ascéticos, como surgem, e como eles fornecem um sentido para a existência do homem, mas são negadores de vida. Por fim, procurando demonstrar o lado propositivo da filosofia de Nietzsche, traremos a arte como possibilidade de atar o homem no elo da vida, sem ter nela qualquer esperança de ideal, mas antes a fruição, a transitoriedade o fluxo contínuo do devir.

1 NIETZSCHE E OS VALORES MORAIS

*Vós olhais para cima quando aspirais a vos elevar.
Eu, como estou alto, olho para baixo. Qual de vós
pode alto e rir ao mesmo tempo? O que escala
elevados montes ri – se de todas as tragédias e de
todos os dramas da vida (Nietzsche, 2002, p. 58).*

1.1 QUEM FOI NIETZSCHE

Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu em 1844 na Alemanha. De família protestante, deveria seguir o mesmo caminho do pai e dos avós e se tornar pastor, mas a morte tão precoce de seu pai fez sua mãe se mudar com ele para outra região. Em 1858 Nietzsche obteve uma bolsa de estudos na então famosa escola de Pforta. Influenciado por seu professor predileto Ritschl, ele começou a se dedicar aos estudos da filologia¹. Em 1869, com apenas 24 anos, Nietzsche foi nomeado professor de filologia em Basileia. Ao ler *O Mundo como Vontade e Representação*, de Schopenhauer, Nietzsche passou a se interessar pela filosofia.

Em 1871, Nietzsche publicou sua primeira grande obra, *O nascimento da Tragédia*. Depois em 1873, escreve alguns textos como, *A filosofia na época trágica dos gregos* e *Introdução teórica sobre verdade e mentira no sentido extramoral*, textos inacabados. Data desse mesmo ano a *Primeira consideração extemporânea*. Ele começa a se ocupar das questões morais e escreve em 1878 *Humano, demasiado humano*, em 1881, *Aurora – pensamentos sobre preconceitos morais*. Em 1886, escreve *Para além de bem e mal - prelúdio de uma filosofia do porvir*. Até chegar em 1887, ano em que é publicado *Genealogia da moral*, (obra que nos propusemos estudar). Este livro é descrito por vários de seus comentadores como uma das poucas obras em que Nietzsche escreve de forma dissertativa e linear. A obra possui três dissertações, sendo a primeira “Bom” e “mau”, “bom” e “ruim”, a segunda “Culpa”, “má consciência” e coisas afins, e a terceira O que significam ideais ascéticos? O filósofo

¹ Estudo da origem e desenvolvimento das línguas ou dialetos, baseado em documentos escritos sobre essa forma de comunicação. Segundo o mini dicionário (Aurélio, 2001, p. 322), “filologia é estudo da língua em toda sua amplitude, e dos escritos que a documentam.

Segundo (Abbagnano, 1999, p. 441), “filologia e filosofia complementam-se”, pois os filósofos deveriam “conferir” os seus conceitos na filologia, para assim “confirmar” ou rejeitar suas convicções.

escreve outras obras importantes, dentre elas, talvez a mais famosa e mais emblemática do autor, o *Assim falava Zaratustra*. Segundo a filósofa brasileira e estudiosa do pensamento nietzscheano Scarlett Zerbetto Marton (2006), É através do personagem Zaratustra que Nietzsche expressa seu modo de enxergar o mundo, e inicia sua transvaloração de todos os valores.

Para além das questões acadêmicas, a vida de Nietzsche sempre foi marcada por problemas de saúde, desde um acidente a cavalo que o levou a ser dispensado do serviço militar, a problemas estomacais e fortes dores de cabeça, o que fazia da vida um enorme desafio. Em 1890, ele é internado na clínica psiquiátrica da Basileia, depois é transferido para a clínica de Jena de onde é liberado um ano depois sob a tutela de sua família. Ele ainda viveria por 10 anos, mas sem melhoras, morre em 25 de agosto de 1900, em Weimar.

1.2 ASPECTOS GERAIS DA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

Para fazermos um percurso dentro da filosofia de Nietzsche e tratarmos dos valores morais até chegarmos aos ideais ascéticos, precisamos entender que apesar do seu extenso e amplo pensamento filosófico, da vasta obra de escritos publicados em vida e outros publicados postumamente, aqui nos interessa investigar apenas parte do seu pensamento que está contida no período mais tardio de sua filosofia, aquele que (Marton 2006), denomina terceiro período, que vai de 1882 a 1888. O filósofo é considerado o ponto de inflexão, um divisor de águas da filosofia moderna para o período contemporâneo. Conhecido por ‘filosofar a golpe de martelo’, seu pensamento não é nada dogmático nem sistemático. Dono de uma filosofia libertária, ele acredita que a vida deve ser vivida sem as amarras ideológicas, e nos deixou uma herança filosófica de possibilidades.

Nietzsche é certamente um dos filósofo que mais sofreu controversas nas interpretações a seu respeito. Avesso a ideologias, ele não propõe uma doutrina filosófica, um modo de vida que deveria ser seguido. Mas certamente seu modo de ver a vida, influenciou ou pelo menos deu munção para influenciar várias interpretações de ideologias que se seguiram postumamente.

Embora não tenha desenvolvido nenhum sistema filosófico, podemos encontrar na filosofia nietzschiana quatro aspectos principais conforme descrito por Marton (2006), são eles: pluralismo, perspectivismo, dinamismo e experimentalismo.

Perceber como esses aspectos atuam dentro do seu pensamento, nos possibilitará uma melhor compreensão dos seus textos.

O pluralismo é caracterizado pela oposição à ideia de verdade única e universal. Crítico do kantismo, Nietzsche não via como possibilidade de dar certo o imperativo categórico de Kant. Desse modo, para o filósofo, não existe uma realidade que possa ser tomada como absoluta. Para ele, verdade é sempre no plural e construída, por isso a de se falar em verdades que dependem das interpretações individuais e das perspectivas culturais, como ele mesmo diz: “Contra o positivismo, que fica no fenômeno ‘só há fatos’, eu diria: não, justamente não há fatos, só interpretações” (Nietzsche, 2008, p. 260). Esse pensamento admite a diversidade de experiências humanas e a relevância da multiplicidade de pontos de vista para compreensão mais completa da realidade. Além disso ele variava bastante o seu modo de escrita: dissertativo, aforismático, paródico, poético, literário, metafórico e auto biográfico.

No aspecto perspectivo característico de sua filosofia, o homem lança seu olhar interpretativo sobre o mundo, o que dele percebe é particular e, portanto, diferente do que o outro irá perceber. Isso acontece justamente porque cada indivíduo possui sua singularidade e o mundo não é um mundo organizado ou uniforme. “No lugar da ‘teoria do conhecimento’, uma doutrina das perspectivas dos afetos (à qual pertence uma hierarquia dos afetos)” (Nietzsche, 2008, p. 249). Portanto, como há uma multiplicidade de vidas, é natural que se tenha também variadas formas de se enxergar o mundo existente, por vários ângulos ou ponto de vistas diferentes.

O dinamismo de sua filosofia traduz bem o apressado que Nietzsche tinha por antigo filósofo Heráclito, se tudo está em movimento, não podemos enrijecer a vida com conceitos. Se tratarmos as coisas sempre como conceitos, acabamos com a particularidade das mesmas. A realidade é construída a cada instante e não pode ser definitiva, fixa ou instável, por tanto tudo está em constante mudança, conforme ele afirma:

O fenomenal é, portanto: a mistura do conceito de número, do de sujeito e do de movimento: dele sempre fazem parte o nosso olho e a nossa psicologia. Se eliminamos esses ingredientes, não resta coisa alguma, mas sim quantidades dinâmicas, em uma proporção de tensão em relação a todas as outras quantidades dinâmicas: seu ser consiste em sua proporção em relação a todas as outras quantidades, em seu ‘atuar’ sobre as mesmas. A vontade de poder não é um ser, não é um devir, mas sim um páthos – esse é o fato

mais elementar do qual, primeiramente, resulta um devir, um atuar... (Nietzsche, 2008, p. 325).

Por fim, como outra característica de sua filosofia, podemos ver o experimentalismo. Notamos em seus pensamentos uma ‘filosofia experimental’. Trata-se de um dos pontos que mais marca a filosofia nietzschiana, pois conforme enfatiza o professor Oswaldo (Giacóia, 1997, p. 137). “O discurso nietzscheano autodenomina-se ‘interpretação’, ‘experimento’, ‘ensaio’, ‘tentativa’, ‘hipótese regulativa’, cujo resultado arrasta consigo a necessidade de um distanciamento em relação às próprias posições assumidas”. Uma vez que o filósofo percebia o conhecimento como uma construção humana, cria na possibilidade de ganho de mais conhecimentos e valores através do experimento. Sua atitude de dedicar alguns anos da sua vida em conhecer outros lugares, viajar por vilas e cidades diferentes demonstra esse caráter experimental de uma filosofia praticada e não apenas falada, uma filosofia vivida e não apenas escrita.

Além desses aspectos de sua filosofia, Nietzsche usa da filologia, sua formação acadêmica de origem, para aplicar o método genealógico. Este método consiste em buscar na origem da palavra o seu significado original, na sua língua original, (no caso do estudo em filosofia, a língua grega). Conforme (Giacóia, p. 87) “seu método genealógico [...] permite uma concepção de direitos e deveres ligada a relações de poder e sujeição, recolocando em novos termos a equação entre direito e força”.

Tendo visto de forma introdutória e resumida as quatro principais marcas do pensamento de Nietzsche, partiremos agora para o desenvolvimento dos principais conceitos contidos principalmente em sua obra *Genealogia da Moral*, no que trata da formação moral e o significado do ideal ascético, que aqui pretendemos abordar e discutir. A seguir, veremos como o conceito de vontade de potência é determinante para a vida e como ele se relaciona com a criação dos valores morais.

1.3 O MUNDO COMO VONTADE DE POTÊNCIA

A vontade de potência é certamente um dos conceitos fundamentais da filosofia de Nietzsche. Entender tal concepção em sua obra se faz necessário para mais a frente constatarmos como que o ideal ascético mina a ‘potência que é vida’. É a partir de vontade de potência que ele identifica as forças que constituem o universo.

E o que constitui a vontade de potência são os conjuntos de forças. É a partir da força enquanto vontade de potência que ele passa a explicar o mundo. “Esse mundo é a vontade de potência - e nada além disso! E também vós próprios sois essa vontade de potência - e nada além disso!” (Nietzsche, 1999, p. 450).

A filosofia nietzscheana dialoga com o corpo fisiológico, não privilegia apenas a racionalidade. Pois as forças que constituem o nosso corpo, que constituem o nosso pensamento também se expressam e podem nos guiar. Portanto, pensamentos, consciência, corpos inorgânicos, corpos orgânicos são produtos da vontade de potência. A consciência é apenas o espelho, ela apenas reflete aquilo que na gente já deseja de modo inconsciente. Pois os nossos corpos são constituídos por uma pluralidade de forças em conflitos contínuos.

É por encontrar resistência que a vontade de potência se exerce. Ao encontrar resistência ela subjuga a força, e a domina. Essa luta estabelece hierarquias, porém não definitivas, mas sempre em constantes mudanças. E, anterior aos corpos, o que existe é um conflito perpétuo de forças, uma luta sem trégua que produz tudo aquilo que existe. Visto que toda força anseia por expandir si, superar si, ela domina outra força que a ela se opõe, e a coloca a seu serviço, pois deseja se tornar maior, porém sem nenhum objetivo específico. “Quererá ela dominar, crescer, dilatar-se, quererá supremacia, atrair, conquistas, não porque isto seja bom ou mau, mas porque ela vive, e vida é ‘vontade de potência’” (Nietzsche, 2009, p. 190).

Uma força não existe isolada, se existe uma força, ela está sempre em relação a outra força, conforme explica Scarlett Marton:

A força só existe no plural; não é em si, mas em relação a; não é algo, mas um agir sobre. Não se pode dizer, pois, que ela produz efeitos nem que se desencadeia a partir de algo que a impulsiona; isso implicaria distingui-la de suas manifestações e enquadrá-la nos parâmetros da causalidade. Tampouco se pode dizer que a ela seria facultado não se exercer; isso importaria atribuir-lhe intencionalidade e enredá-la nas malhas do antropomorfismo. A força simplesmente se efetiva, melhor ainda, é um efetivar-se. Atuando sobre outras e resistindo a outras mais, ela tende a exercer-se o quanto pode, quer estender-se até o limite, manifestando um querer-vir-a-ser-mais-forte, irradiando uma vontade de potência (Marton, 2006, p. 53).

Essa vontade de potência é o impulso instintivo que as espécies precisam para sobreviver. Por tanto, quando Nietzsche fala de vontade de potência, ele está se referindo a uma vitalidade, a uma dimensão instintiva que caracteriza a vida de forma geral. Vida é vontade de potência. “Onde encontrei vida, aí encontrei vontade de

potência” (Nietzsche, 1999, p. 222). Se toda vida é vontade de potência, o mundo se auto explica a partir desse fenômeno. Uma força que busca se expandir, ao encontrar com outra força surge o obstáculo, onde acontece o conflito em que uma vence por um tempo, e esta domina a vencida e busca se expandir mais. A natureza é ativa, dinâmica, fluída, e a realidade consiste em fluxos de forças em constante atritos, em constante lutas.

Assim surge a vida humana, simples, fugaz, pobre, desprovida de armaduras para enfrentar o mundo, mas ao entrar em contato com outras forças e domina las, cresce, ganha poder e constitui se mais forte. Nietzsche passa a explicar a vida sem o auxílio metafísico, sem a necessidade de um ser criador. Desse modo, a vida inorgânica passa a ser vida orgânica, e a matéria passa a ter forma. A vida humana cresce, ganha profundidade na medida em que a natureza através das forças cria no homem as forças cerebrais, que através desses conflitos desenvolvem o intelecto. O intelecto passa a desenvolver se e a tornar se cada vez mais complexo. “Toda força motora é vontade de potência, não existe fora dela nenhuma força física, dinâmica ou psíquica” (14 [121] da primavera de 1888 *apud* Marton, 2006, p. 53).

Assim como no futebol que os jogadores, enquanto esse núcleo de células a formar um time, e este as vezes ganha e as vezes perde. As vitórias e as derrotas servem para estabelecer as hierarquias, mas o que permanece sempre é o confronto. Aquele que mais consegue vencer, mais poder adquire, e ao adquirir mais poder mais chance tem de ganhar, e ao ganhar novamente torna se mais forte, e assim a vontade de poder não acaba, não retrocede, não recua.

Nietzsche passa a considerar a vontade de potência não só como algo orgânico, mas também como uma força que atua em tudo que existe. Essa força eficiente que deseja se expandir esbarra em obstáculos, que são outras forças, por isso acontece mais confronto, mais luta e nasce a superação. Da superação a auto superação e dela novas formas. Essa força eficiente é portanto força criadora, inovadora. “A vontade de potência é o impulso de toda força a efetuar-se e, com isso, criar novas configurações em sua relação com as demais” (GEN, 2016, p. 424). Atuando assim, ela não determina uma lei, nem elabora métodos a seguir, nem tem por objetivo um fim a alcançar. Então ela supera a si mesma, não tendo em vista um lugar a chegar ela não conhece limites, ela simplesmente se expressa, conforme o próprio autor:

Exigir da força que não se expresse como força, que não seja um querer dominar, um querer-vencer, um querer-subjugar, uma sede de inimigos, resistências e triunfos, é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se expresse como força. Um quantum de força equivale a um mesmo quantum de impulso, vontade, atividade - melhor, nada mais é senão este mesmo impulso, este mesmo querer e atuar, e apenas sob a sedução da linguagem (e dos erros fundamentais da razão que nela se petrificaram), a qual entende ou mal-entende que todo atuar é determinado por um atuante, um 'sujeito', é que pode parecer diferente (Nietzsche, 1998, p. 36).

A força se exerce, ela não pede licença para atuar, ela age. Age pelo impulso, pelo instinto, pela vontade de potência. Vontade de potência é a força que impulsiona a vida. É tudo aquilo que se manifesta a partir de si mesmo em busca de uma afirmação, de uma auto superação. A vontade de potência não é uma força que nos habita, nem uma força que nos domina. Ela é um princípio que constitui o mundo. Portanto nós não temos vontade de potência, nós somos vontade de potência. A pergunta de onde ela veio, e pra onde ela vai, não faz sentido para Nietzsche, pois ela encerra um ciclo metafísico e não está no campo da transcendência mais sim no campo da imanência.

Nietzsche acolhe humanidade que há no corpo. Ao mesmo tempo que ele está chamando atenção para o aspecto fisiológico, instintivo, corpóreo da vida, também está fazendo uma crítica à filosofia racionalista que privilegiava o intelecto, e a razão como algo único e soberano na existência. Para ele, nós temos uma vitalidade instintiva, e essa vitalidade instintiva também nos conduz, não só a razão, mas o corpo é capaz de nos guiar “Por trás dos teus pensamentos e sentimentos, irmão, há um poderoso soberano, um sábio desconhecido [...] teu corpo é ele. Há mais razão em teu corpo do que em tua melhor sabedoria” (Nietzsche, 2003, p. 41).

Existem forças ativas e forças reativas. As forças ativas buscam afirmar a sua condição no mundo, a sua vontade de potência, agindo sobre o mundo, buscando se expandir, criando novas possibilidades, novos valores, impondo seus desejos. São forças de dominação, de senhoril. “O que é bom? – Tudo aquilo que que desperta no homem o sentimento de poder, a vontade de poder, o próprio poder” e “O que é mau? – Tudo que nasce da fraqueza” (Nietzsche, 2004, p. 39). Já as forças reativas são aquelas que, não agem, mas ao contrário reagem às forças ativas. Reagem para impedir las de se manifestarem. Se opõem à mudança, e buscam limitar, impedir as forças ativas de se manifestarem.

É por este conceito que Nietzsche explica os fenômenos biológicos. “Não é o rio vosso perigo e o fim de vosso bem e mal, ó sábios dos sábios: mas aquela própria

vontade, a vontade de potência - a inesgotável e geradora vontade de vida” (Nietzsche, 1999, p. 222). Mas é também por meio dele que norteia os fenômenos psicológicos e sociais, que passam ocupar o olhar do filósofo.

Suposto, enfim, que desse certo explicar toda a nossa vida de impulsos como a conformação e ramificação de uma forma fundamental da vontade - ou seja, da vontade de potência, como é minha proposição -suposto que se pudessem reconduzir todas as funções orgânicas a essa vontade de potência e nela também se encontrasse a solução do problema da geração e nutrição - isto é um problema -, com isso se teria adquirido o direito de determinar toda força eficiente univocamente como: vontade de potência. O mundo visto de dentro, o mundo determinado e designado por seu ‘caráter inteligível’ - seria justamente ‘vontade de potência’, e nada além disso (Nietzsche, 1999, p. 311).

Ao olhar para a constituição do corpo fisiologicamente e psicologicamente formado a partir dessas forças, Nietzsche entende que estas mesmas forças, fortes e fracas, dominantes e dominadas, ativas e reativas também estão presentes na formação e constituição da sociedade, e nela se expressam através dos valores morais. E como surgem os valores morais? É o método genealógico nietzscheano que vai escavar as camadas mais profunda da nossa história para tentar encontrar essa resposta.

1.4 A FORMAÇÃO DOS VALORES MORAIS

Ao assistir na TV um documentário sobre a savana africana em que nele aparece uma leoa perseguindo uma gazela, nasce em nós quase que automático um sentimento de pena por a gazela e conseqüentemente tomamos partido, torcemos por ela, tomara que a pobre gazela consiga driblar essa leoa malvada. E então com os olhos atentos nas imagens aumentamos o volume da TV e o narrador está dizendo: “a esperta gazela dá voltas e tenta driblar a leoa que já está cansada de tanto lutar por seu alimento e dos seus filhotes, ela sabe que precisa levar comida para os dois filhotes que estão famintos, caso contrário eles irão perecer, a gazela salta bastante e começa a se afastar da leoa, mas mamãe leoa coloca toda sua força nessa caçada, afinal significa o seu alimento e a sobrevivência de seus filhotes”. Nesse momento nós já começamos a entender o lado da leoa, não é que ela é má e quer devorar a pobre

gazela indefesa pelo simples prazer de ver sua presa sofrer. Não, ela também precisa sobreviver e depende da carne daquela gazela.

Vejamos agora um outro exemplo, esse futebolístico. É muito comum que nas primeiras fases da copa do brasil os times grandes e de mais tradição do nosso futebol enfrente os times de menor expressão do cenário nacional, times que só disputam seus campeonatos regionais e só são conhecidos nas suas respectivas cidades. É muito comum nós torcermos para esses times menores. Mas se nos perguntarem o porquê não saberemos explicar. Pois os valores e sentidos não existem de forma isolada. Eles dependem do contexto ou do ponto de origem que lhes conferem significado e importância. Eles estão relacionados à vontade de potência, essa força fundamental por trás da criação de valores e significados. Ou seja, o que dá sentido às coisas e valores é sempre uma expressão de forças ou interesses ligados ao impulso humano de afirmar e expandir-se. Assim, tanto o sentido quanto os valores são interpretações, conforme comenta Gilles Deleuze:

Os valores não se deixam pois abstrair do ponto de onde tiram seu valor, assim também como o sentido não se deixa abstrair do ponto de vista de onde tira sua significação. É da vontade de poder, como elemento genealógico, que derivam significação do sentido e o valor dos valores (Deleuze, 1976, p.44).

A nossa cultura foi formada a partir da moral judaico-cristã. Talvez isso explique nosso comportamento, nossas escolhas, nosso modo de enxergar o mundo. Somos fruto de um construto moral muito anterior a nós, há mais de dois mil anos atrás. Uma história escrita por sentidos e sentimentos, cheia de altos e baixos, repleta de amor e ódio. Uma aventura digna de roteiro de cinema.

A análise genealógica a que Nietzsche se propõe a fazer é de investigar a origem 'dessa história da moral'. O que levou o homem a criar valores morais e em que circunstancia isso aconteceu. A empreitada nietzscheana portanto, busca estabelecer um ponto de contato entre aquilo que conhecemos como fundamento dos conceitos morais e seus fundadores.

O cristianismo constitui, para Nietzsche, a medula ética do mundo ocidental; é da seiva moral do cristianismo que se nutrem todas as esferas importantes de nossa cultura, desde a mais abstrata e rarefeita investigação das ciências formais até o plano material de organização da vida e do trabalho (Giacioia Junior, 2000, p. 24).

Assim se forma a nossa moral, nossa cultura é toda ela fundamentada a partir de princípios judaico-cristão. Mas que princípios são esses que Nietzsche enxerga como nocivos aos homens? Para ele (1998), mesmo os homens do conhecimento, no caso os filósofos que deveria conhecer a si mesmo antes de conhecer as outras coisas do mundo, fazem o contrário, e deles mesmo são desconhecidos. Isso porque já nascemos em um mundo posto a nós, tudo já está preparado. Então seria como um peixe se perceber dentro da água. Para o peixe tudo que existe é água, pois ele nasceu, cresceu, viveu toda sua vida dentro desse universo. Assim somos nós, quão difícil é para o homem buscar nas origens as origens de cada coisa. E como ele consegue sair desse mar de moral estabelecidas e voltar seus olhos para fora? A resposta está na formação filológica dele, pois ele buscou na origem das palavras as suas designações e daí juntou com o conhecimento histórico para chegar a estas conclusões.

A indicação do caminho certo me foi dada pela seguinte questão: que significam exatamente, do ponto de vista etimológico, as designações para 'bom' cunhadas pelas diversas línguas? Descobri então que todas elas remetem à mesma transformação conceitual - que, em toda parte, "nobre", 'aristocrático', no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu 'bom', no sentido de 'espiritualmente nobre', 'aristocrático', de 'espiritualmente bem-nascido', 'espiritualmente privilegiado': um desenvolvimento que sempre corre paralelo àquele outro que faz 'plebeu', 'comum', 'baixo' transmutar-se finalmente em 'ruim'. O exemplo mais eloquente deste último é o próprio termo alemão schlecht [ruim], o qual é idêntico a schlicht [simples] - confira-se schlechtweg, schlechterdings [ambos 'simplesmente'] - e originalmente designava o homem simples, comum, ainda sem olhar depreciativo, apenas em oposição ao nobre (Nietzsche, 1998, p. 20).

A crítica aos psicólogos ingleses, aos quais se devem as únicas tentativas de discorrer sobre esse tema, se deve ao fato de que eles partem de algo já dado, algo que já está posto, como verdade. Não vão a fundo investigar as origens de seu surgimento, nem conhecem o significado das palavras em sua origem. Falta-lhes também conhecimento histórico da origem do problema, pois os conceitos morais, bem como o conceito de justiça foram conceitos inventados, criados pelo homem, eles só poderiam servir a propósitos humanos. Por isso (Nietzsche, 1998 p. 12), diz que "necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores terá de ser colocado em questão [...]. Tomava-se o valor desses 'valores' como dado, com efetivo, como além de todo questionamento".

Se até então não se ousou questionar o valor dos valores é porque se julgava que eles existiam desde sempre, que eram eternos, imutáveis e se achavam escritos em algum lugar no além mundo servindo a um propósito universal. A mudança de perspectiva ocorre no momento em que Nietzsche retira seu olhar do homem como um ser pronto intelectualmente e o lança sobre o homem como esse animal necessário, formado a partir de suas necessidades. Enxerga o problema da moral, como uma invenção humana. Tanto é assim que em diferentes épocas, diferentes povos usaram de diferentes morais. Se houvesse em algum lugar do universo algo escrito, algo fixado como certo e errado, bom e ruim, puro e impuro, haveria de ser eternos os valores.

Uma vez que não existe um valor universal, um além mundo, um lugar exterior ao homem, onde esses valores pudessem estar estabelecidos, firmados de forma eterna e imutável, cai por terra a perspectiva do imperativo categórico do velho Kant. Os valores universais, eternos, imutáveis substituídos por valores humanos, puramente humanos, *Demasiados humanos*.

E como foram formados os valores? Através do modo nobre de olhar o mundo. O que domina tem o poder até mesmo de nominar, ou seja, dar nomes às coisas. Então, o nobre olha para si, para o que faz e diz, isso é ótimo, isso é positivo, isso me traz vida, me traz felicidade, logo, esse valor é bom. Ele não pensa no baixo, no ruim, no fraco. O que está por traz dessa força criadora do valor bom é a mais pura vontade de potência, aquela que age sobre o indivíduo e o impulsiona a crescer. E então, só depois como uma pálida imagem contrária daquilo que considera bom para si percebe o ruim. Os nobres, os aristocratas, os guerreiros, os fortes, os que tinham o poder dizer isso é bom, e isso é ruim, isso presta e isso não presta, isso é certo e isso é errado e assim por diante.

A moral escrava ao contrário, nasce da fraqueza, da negação, do não ao outro. O ressentido enxerga primeiro o nobre, os seus modo de ser e agir, e por não conseguir ser forte como ele, não conseguir enfrentar ele o identifica como mau, e por conseguinte se considera bom. O referencial da moral escrava é o outro, é pois uma reação daquilo que vê no outro e não uma ação própria da sua vontade. É como se o homem do ressentimento olhasse para o homem nobre e dissesse, ele é mau, logo eu sou bom por não agir como ele.

Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um 'fora', um 'outro', um 'não-eu' - e este Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto - sua ação é no fundo reação (Nietzsche, 1998, p. 29).

Diante disso, o que restava ao plebeu, ao impotente, ao fraco? O ressentimento de alguém que não consegue bater de frente com seu oponente. Por isso, o ressentido ao olhar para o nobre aristocrata dizia: eles são maus. Logo, se eles são maus, eu sou bom. Percebe que ele não vê o nobre como ruim, ele o vê como mau, em oposição aquilo que para ele é bom. Bom e ruim são valores colocados pela perspectiva nobre de avaliar. Em contrapartida os valores bom e mau foram criados pela perspectiva dos escravos, dos ressentidos.

Ao instituir novos valores, coube ao homem do ressentimento reinterpretar a moral, fazendo assim a primeira transvaloração dos valores, ou seja, mudança de paradigma em relação aos valores. Daí, surge os primeiros sacerdotes, os sacerdotes do ideal acético, aqueles que criam um além mundo, onde lá os valores superiores são dos humilhados, dos abnegados, dos fracos, dos aleijados, dos pobres. Tudo que era exaltado pela classe nobre, foi negado pela classe plebeia, "é mais fácil um camelo passar no fundo de uma agulha do que um rico se salvar", "os humilhados serão exaltados". Neste mundo eu posso ser alguém importante, eu estarei ao lado de Deus, eu reinarei com ele.

Os sacerdotes queriam ter algo que os diferenciasses dos demais e lhes designassem valores superiores. Então tomaram para si a noção de puro, fazendo desse conceito um traço de distinção entre e outros povos, conforme podemos ver nas palavras do próprio autor:

O 'puro' é, desde o princípio, apenas um homem que se lava, que se proíbe certos alimentos que causam doenças de pele, que não dorme com as mulheres sujas do povo baixo, que tem horror a sangue - e não mais, pouco mais que isso! Por outro lado, a natureza de uma aristocracia sacerdotal esclarece por que precisamente aí as antíteses de valores puderam bem cedo interiorizar-se e tornar-se mais intensas; de fato, através delas abriram-se finalmente, entre os homens, abismos tais que mesmo um Aquiles do livre-pensar hesitaria em transpor (Nietzsche, 1998, p. 24).

Os judeus foi o povo que se autoproclamou a nação de Deus, o povo escolhido por Deus. Em todos os seus feitos grandiosos podia se notar providência divina. Longe

de ser um povo guerreiro, pois “para ele a guerra é mau negócio!” (Nietzsche, 1998, p. 25). Mas naquele tempo a guerra não era uma escolha, se o seu povo não atacava, cedo ou tarde seria atacado por nações mais forte. Eles se apoiavam na fé para vencer as batalhas. Na antiguidade as guerras eram constantes, a briga por territórios férteis, a usura pela riqueza da outra nação e a vaidade de alguns reis eram motivos das disputas. Os povos guerreavam e atribuíam a seus deuses a honra pela vitória, ou a responsabilidade pela derrota. Quando um povo venciam outro povo, significava que o deus do vencedor era mais forte que o deus do perdedor. As batalhas eram portanto um duelo de deuses. Porém, os povos judeus ao serem levados cativos para a Babilônia pelo rei Nabucodonosor II, interpretaram a derrota não como um fracasso de seu Deus, mas como uma certa vingança da sua parte, por causa da desobediência do rei Zedequias, de acordo com o livro dos reis:

E tinha Zedequias vinte e um anos de idade quando começou a reinar e reinou onze anos em Jerusalém; [...] E fez o que era mal aos olhos do SENHOR, conforme tudo quanto fizera Jeoaquim. Pois assim sucedeu por causa da ira do SENHOR contra Jerusalém e contra Judá, até os rejeitar de diante de sua face; e Zedequias se revoltou contra o rei de Babilônia. E sucedeu que, no nono ano do reinado de Zedequias, no mês décimo, aos dez do mês, Nabucodonosor, rei de Babilônia, veio contra Jerusalém, ele e todo seu exército, e se acamparam contra ela, e levantaram contra ela tranqueiras em redor. E a cidade foi sitiada até ao undécimo ano do rei Zedequias. (II Reis. 24-25)

Esse povo sacerdotal foi esperto o suficiente para encontrar respostas transcendentais para um problema material. Não reconheceram a falta de guerreiros suficientes para combater os exércitos inimigos, tampouco reconheceram que seu Deus não fora capaz de impedir a derrota. Pelo contrário, o seu Deus dos judeus ainda continua sendo o mais forte, ele só está irado com o povo por causa da desobediência, por tanto esse povo deve sofrer por um tempo, deve pagar suas transgressões, até que a ira do Deus se apague.

O cristianismo herda do judaísmo a característica sacerdotal de um povo. A partir dessa característica fundamental, o cristianismo começa a invadir Roma. É então que esse povo alcança suas primeiras vitórias. Eles promovem uma verdadeira transvaloração dos valores ‘naquela terra’. Através do discurso, seu único instrumento de guerra, aos poucos vão dominando seus inimigos. Um golpe de mestre, não usam

a força, não usam a violência, até porque seriam incapaz de prevalecer usando esses mecanismos. As suas armas são as promessas de uma vida futura, de uma vida eterna. “E esta é a promessa que ele nos fez; a vida eterna” (I João 2: 25). E quem não quer ganhar uma vida eterna? Mas a promessa não é somente a vida eterna, mas uma vida eterna e totalmente cheia de gozo, de felicidade, uma vida eterna e abundante. Mas para os que a rejeitarem está reservado o lago de fogo com enxofre que queimará eternamente. “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mais tenha a vida eterna [...] mas quem não crê, já está condenado” (João 3:16-18).

Através da inversão dos valores, construída e disseminada nas periferias das cidades, nos vilarejos, camadas inferiores do povo de Roma, os cristãos conseguem suplantar a moral nobre e passa se estabelecer como moral boa e, portanto, passa a dominar o povo romano. Veremos como isso ocorreu.

1.5 O DUELO MORAL

Imagina se as gazelas falassem e usassem isso para manipular a lógica do reino animal. Então começaria a disseminar entre os animais, - aqueles leões são maus porque querem nos devorar, logo nós somos bons, somos os humildes, somos mansos, pois não fazemos mal a ninguém. Agora imagine se esse discurso começa a se alastrar em todas as esferas do mundo animal, os leões começam a ser mal vistos pelos demais animais, provavelmente muito em breve começariam o se verem sobre essa perspectiva e mudariam seus hábitos alimentares, talvez até se tornassem vegetarianos. Mas as plantas também começam a falar mal dos leões, ora, esses leões são maus, porquanto nos devoram, logo nos somos os bons, a ninguém fazemos mau. Então, os leões começam a ser mal vistos por todos, e inibidos pelos olhares de reprovação, deixam de devorar as plantas, passam a comer terra. Mas a terra também, ao ser devorada pelo leão, sente se explorada, injustiçada e então começa uma revolução falando em todo lugar que os leões são maus pois a devora, logo ela é boa que a ninguém faz mal. Resta ao leão então renunciar toda sua natureza, toda sua vontade de viver e morrer de fome para ser “bom”.

Percebe se que o ideal “bom” criado pela moral escrava busca inibir a vontade de vida, aquela que se exerce em todo ser que vive. De forma que acaba por se encontrar num beco sem saída aquele que procura agradar e adere a esse ideal,

regredindo assim ao que? Ao nada? Ao niilismo que preocupava Nietzsche, e que ele tanto procurava combater, conforme manifesta com suas próprias palavras:

Precisamente nisso enxerguei o grande perigo para a humanidade, sua mais sublime sedução e tentação - a quê? ao nada? -; precisamente nisso enxerguei o começo do fim, o ponto morto, o cansaço que olha para trás, a vontade que se volta contra a vida, a última doença anunciando-se terna e melancólica: eu compreendi a moral da compaixão, cada vez mais se alastrando, capturando e tornando doentes até mesmo os filósofos, como o mais inquietante sintoma dessa nossa inquietante cultura europeia; como o seu caminho sinuoso em direção a um novo budismo? a um budismo europeu? a um - niilismo? (Nietzsche, 1998, p. 11).

Os valores nobres-aristocráticos são por afirmação, a guerra a aventura, a caça, a dança, os torneios e todas as atividades robustas, livres e contentes, que se expressam de forma vibrante. É certo que um povo com essas características tendem a vencer todas as batalhas, as guerras, pois estes valores afirmativos, potentes os impulsionam para a vitória. Mas em oposição a esse povo havia um povo cujo os valores morais nasceram a partir dos valores nobres e em oposição a eles. Um povo de astúcia que segundo (Nietzsche, 1998), negam os valores nobres e instituem como bons os miseráveis, os pobres, os impotentes, os baixos, os sofredores, os necessitados, os feios, os doentes são os únicos beatos, os únicos abençoados, estes são os santos, os dignos das bem aventuranças no paraíso.

Foi assim que o discurso sacerdotal foi lançado nas camadas mais baixas dos povos e começaram a disseminar esse modo de valorar. Para a casta sacerdotal os “nobres e poderosos serão por toda eternidade os maus, os cruéis, os lascivos, os ímpios” (Nietzsche, 1998, p. 26). Enquanto eles, os sacerdotes são a nação eleita, o povo escolhido, o povo de Deus e reinará com ele. Essa ideia foi crescendo e aos poucos ultrapassando os valores nobres-aristocráticos. Mas a coroação da vitória total e triunfante do judaísmo sobre o aristocratismo se dá justamente por meio de Jesus de Nazaré, o golpe fatal que desestabilizou as forças das lanças através do amor. O amor venceu. Mas não o amor genuíno, puro e sublime. Não, o amor que venceu é justamente o amor que nasce do ódio da vingança, do ressentimento, segundo o filósofo:

do tronco daquela árvore da vingança e do ódio, do ódio judeu - o mais profundo e sublime, o ódio criador de ideais e recriador de valores, como jamais existiu sobre a terra - dele brotou algo igualmente incomparável, um novo amor, o mais profundo e sublime de todos os tipos de amor - e de que

outro tronco poderia ele ter brotado?... Mas não se pense que tenha surgido como a negação daquela avidez de vingança, como a antítese do ódio judeu! Não, o contrário é a verdade! O amor brotou dele como sua coroa, triunfante, estendendo-se sempre mais na mais pura claridade e plenitude solar, uma coroa que no reino da luz e das alturas buscava as mesmas metas daquele ódio, vitória, espólio, sedução, com o mesmo impulso com que as raízes daquele ódio mergulhavam, sempre mais profundas e ávidas, em tudo que possuía profundidade e era mau. Esse Jesus de Nazaré, evangelho vivo do amor, esse 'redentor' portador da vitória e da bem-aventurança aos pobres, aos doentes e aos pecadores - não era ele a sedução em sua forma mais inquietante e irresistível, a sedução e a via sinuosa para justamente aqueles valores judeus e inovações judaicas do ideal? Não teria Israel alcançado, por via desse 'redentor', desse aparente antagonista e desintegrador de Israel, a derradeira meta de sua sublime ânsia de vingança? (Nietzsche, 1998, p. 26).

Fica evidente que a vitória do povo judeu sobre os aristocráticos jamais poderia se dar ao fio da espada, a guerra com armas evidenciaria o fracasso daquele povo sacerdotal. Restava-lhe então transmutar os valores, e erguer um novo ideal de valor onde eles pudessem triunfar. E assim aconteceu, e esse amor venceu, não só venceu como ressuscitou e foi usado como origem ao cristianismo.

1.6 O CRISTIANISMO COMO SEQUÊNCIA DA MORAL ESCRAVA

Não resta dúvida que a moral escrava triunfou sobre a moral nobre. Mas isso não se deu da noite para o dia, o processo foi longo, aliás tem sido longo, porque a guerra ainda está acontecendo em alguns lugares. O cristianismo constitui esse braço do judaísmo, esse galho que permanece vinculado à árvore que o gerou. Vinculado no sentido de que o cristianismo carrega os traços fundamentais da crença judaica, apesar de deixar para trás alguns elementos fundamentais da crença judaica como o sábado da lei de Moisés, e acrescentar novos elementos como a Deidade de Jesus, mas ainda assim preserva o ideal acético do judaísmo. E é esse ideal que Nietzsche enfrenta, é contra esse ideal que ele luta, conforme ele escreve:

Não se deve embelezar nem desculpar o cristianismo: ele travou uma *guerra de morte* contra este tipo de homem superior, renegou todos os instintos fundamentais deste tipo e desses instintos destilou o mal, o negativo – o homem forte como tipo censurável, como *proscrito*. O cristianismo tomou partido de tudo que é fraco, baixo, incapaz, e transformou em um ideal a oposição aos instintos de conservação da vida saudável; e até corrompeu a faculdade daquelas naturezas intelectualmente poderosas, ensinando que os valores superiores do intelecto não passam de pecados, desvios e tentações. O mais lamentável exemplo: a concepção de Pascal, que julgava estar a sua razão corrompida pelo pecado original; estava corrompida sim, mas apenas pelo seu cristianismo. (Nietzsche, Anticristo V).

A luta nietzscheana contra o cristianismo é declarada. Importa para o filósofo desmascarar as farsas dessa ideologia. E para fazer isso ele precisa derrubar as bases sob as quais seus ideais foram construídos. O cristianismo foi criado sob o fundamento da promessa de vida eterna, e sob o ódio da vingança aos que não aderem à essa promessa está reservado o lago de fogo. A estrutura da vingança é completa. Os salvos não só receberão os galardões, como terão o direito de ver sofrer aqueles que os fizeram “mau”. “Quão vasto será então o espetáculo! Como admirarei! Como rirei! Lá me alegrarei! Lá exultarei, vendo tantos e tão grandes reis, de quem se dizia estarem no céu, gemendo nas mais fundas trevas,” (Nietzsche, 1998. p.42).

O ódio, o desejo de vingança tomou conta da moral do ressentimento, e nisso Nietzsche enxerga o mal da nossa civilização. Roma já perdeu a luta contra Judeia, pois os judeus estrategicamente souberam vencer um inimigo forte, com aquelas pedrinhas do “amor” souberam derrubar o gigante Romano, o aristocratismo. O mais “curioso” segundo (Nietzsche, 1998. p.44), é que “diante de três judeus, como todos sabem, e de uma judia (Jesus de Nazaré, o pescador Pedro, o tapeceiro Paulo e a mãe do dito Jesus, de nome Maria) [...] Roma sucumbiu, não há sombra de dúvida.” E quando Roma tentou se reerguer na renascença, procurando apoiar se em seus valores nobres, já se encontrava judaizada demais para conseguir sair, já havia se instalado sobre ela as sinagogas “ecumênicas” em forma de igreja e assim cristianizado os romanos e destilado sobre eles a sua moral. Quase que simultaneamente a esse acontecimento, a Judeia alcança mais uma vitória sobre o ideal clássico na Europa. A revolução Francesa marca talvez a vitória do ressentimento sobre a última resistência política da Europa.

Disfarçados de amor, desejam a mais sórdida vingança. Mas não a declaram, pelo contrário, dizem que o que esperam é o triunfo da justiça sobre a injustiça, a vitória dos crentes sobre os incrédulos, a isso não chamam de vingança, a isso maquam com nome de bem justiça de Deus, a isso chamam de juízo final, conforme percebe Nietzsche ao se referir ao livro do apocalipse:

Quanto aos judeus, o que sentiam ante os romanos? Percebe-se por mil indícios; mas basta trazer à lembrança o Apocalipse de João, a mais selvagem das invectivas que a vingança tem na consciência. (Não se subestime, aliás, a profunda coerência do instinto cristão, quando associou

precisamente esse livro do ódio ao nome do apóstolo do amor, o mesmo ao qual atribuiu aquele evangelho amoroso-altruísta. (Nietzsche, 1998, p. 43).

Nietzsche encara a moral cristã como negação de vida. A moral dos fracos, dos ressentidos, dos sacerdotes, dos judeus, dos cristãos; essa moral que superou a moral nobre, aristocrática, a moral que motiva a vida, que dá sentido à vida. E agora, o que resta ao povo? As migalhas? Enquanto há as migalhas, há famintos se aproveitando delas e esquecendo que se pode ter muito mais do isso.

Os golpes de martelo de Nietzsche, pretende alcançar todas as estruturas sociais e trazer uma reflexão profunda sobre os tipos de moral estabelecidas em sua época, sobretudo na a moral judaico-cristã estabelecida. Ele não pretende erigir um novo ideal de moral, mas demolir os ideais morais e assim possibilitar a criação de novos valores. Sendo assim, Nietzsche escava as raízes da formação humana através do método genealógico e refaz o percurso histórico para mostrar como chegamos até aqui. Por isso, se faz necessário dar mais um passo nessa genealogia da moral, e a memória tem fundamental importância nesse processo. Vejamos o próximo capítulo.

2 O PREÇO DA MEMÓRIA

*Mas a vida, essa imensidão da qual
somos parte, é o que está, porque nela
tudo passa, e o que passa, dizem os
antigos, não importa, não tem valor.
Mas a vida é o nosso ponto fixo, mesmo
que nela tudo mude. A vida é o que é.
(Mosé, 2018, p. 135)*

Todos os filósofos que até então tentaram falar da moral fracassaram. E fracassaram logo no método de examinar, pois partiram de uma moral já estabelecida. E segundo Nietzsche, esse é um dos defeitos hereditários dos filósofos, a falta de conhecimento histórico. Pois ele entende que na raiz de uma coisa não está aquela coisa. É preciso buscar o que deu origem ao fenômeno que hoje se apresenta como valor moral. Assim, a partir do que vimos no primeiro capítulo de forma geral, sobre a origem da moral para Nietzsche, se faz necessário aprofundar mais um pouco tal genealogia, para chegarmos enfim à compreensão do ideal ascético como um dos pontos fundamentais da negação da vida.

2.1 A FUNDAÇÃO DO HOMEM COLETIVO

Nietzsche vai além dos filósofos tradicionais que esquecem do percurso histórico da humanidade. Como filólogo, ele buscava compreender a origem das palavras, e com elas seus respectivos significados. Investigar a raiz etimológica de uma palavra, possibilita ao pesquisador ter uma melhor compreensão de como se chegou ao significado atual a partir das derivações e transformações que ocorreram na língua. Ele não se atém apenas ao significado vigente da palavra, mas busca entender o processo histórico ao qual ela estava inserido. Por isso, a professora Scarlett Marton em seu livro *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*, explica que:

Nietzsche começa por recuar no tempo e imaginar a existência dos homens antes da vida em coletividade; eles se achariam num mundo onde reinava 'o mais grosseiro omnium contra omnes'. Como os animais, só se conheciam comparando-se uns aos outros; apreendiam tudo a respeito de si mesmos na

relação entre sua força de ataque e defesa e a dos outros (Marton, 1990, p. 40).

Lá no início, quando o homem era um animal como os outros, não existia sentimentos morais. A gênese dos sentimentos morais acontece justamente quando a natureza arroga para si a tarefa paradoxal de criar um animal que pode fazer promessas.

Então Nietzsche estabelece um ponto de partida, um início para se chegar a algo tão refinado no qual a humanidade se tornou em termos de memória. Para ser capaz de prometer, ou seja, pensar o futuro, o “bicho homem” teve que passar por um longo processo de hominização, conforme o comentador Oswaldo Giacóia, “o problema do homem identifica-se com a criação de uma memória, a contracorrente da poderosa força do esquecimento” (Giacóia, 2001, p. 107). Um processo bastante dolorido, muitas vezes marcado por sangue.

Assim como nos outros animais, a capacidade de esquecer já existia no bicho homem. O esquecimento acontece de maneira instintiva, visto que todos os animais vivem na imediatidade do momento, pois precisam estar sempre no presente, sempre vigilantes no que acontece ao seu redor. Por isso, são os que mais usam o instinto do esquecimento. Precisam esquecer o que já passou, e com o futuro não são capazes de estabelecer nenhum vínculo, pois precisam estar atentos ao agora, a o dormir, a o acordar, a o procurar uma presa para se alimentar, ou a fugir do predador para sobreviver. Esquecer é um forte instinto de sobrevivência. Essa mesma força capaz de esquecer, também vai produzir no homem a capacidade de lembrar do futuro, como podemos acompanhar nas palavras do próprio autor:

Precisamente esse animal que necessita esquecer, no qual o esquecer é uma força, uma força de saúde *forte*, desenvolveu em si uma faculdade oposta, uma memória, com cujo auxílio o esquecimento é suspenso em determinados casos – nos casos em que se deve prometer (Nietzsche, 1998, p. 48).

O esquecimento é uma força ativa, que vem da vontade, impulso instintivo de esquecer, limpar da memória, para estar aberto ao novo. Os humanos são capazes de se lembrar do passado e também de pensar num futuro (fazer promessa). A própria natureza humana, criou no homem a capacidade de se lembrar do futuro, uma verdadeira memória da vontade.

O esquecimento como essa força que expelle o que sobra como uma forma de jogar fora aquilo que o psíquico não precisa. Assim como o corpo faz a digestão dos alimentos, absorve os nutrientes que precisa e expelle aquilo que não serve, de maneira parecida nosso intelecto produz o esquecimento, que atua no humano como essa força ativa, capaz de eliminar aquilo que é desnecessário.

Para Nietzsche, o homem é um animal defeituoso. No sentido de que os demais animais possuem instintos, e isso basta a eles. Pois os instintos funcionam como uma pré-programação que permite ao animal viver daquela forma. Ao homem, o contrário disso o coloca em uma situação de inúmeras possibilidades posto que a cada passo que dá, tem a sua volta 360 graus possíveis a seguir. Isso do ponto de vista da ação. Mas podemos pensar também do ponto de vista do pensamento (intelecto). Pois mesmo sem dá um passo fisicamente, podemos percorrer o mundo em nosso pensamento.

O ser humano era o animal mais pobre do reino animal, desprovido de instintos ele estava fadado ao fracasso, à extinção. Então o homem desenvolve o intelecto como uma forma de suprir essa necessidade instintiva que lhe faltava, conforme Nietzsche afirma no texto sobre verdade e mentira no sentido extramoral:

O intelecto, enquanto meio de conservação do indivíduo, desenvolve o essencial de suas forças na dissimulação, pois esta é o meio de conservação dos indivíduos mais fracos e menos robustos, na medida em que lhe é impossível enfrentar uma luta pela existência munidos de chifres ou das poderosas mandíbulas dos animais carnívoros (Nietzsche, 2001, p. 8).

Já em sua juventude, no texto acima citado do ano de 1873, Nietzsche preocupa-se com a questão da origem das coisas. Então ele busca trazer elementos constitutivos que são fundantes da memória humana, e narra como isso se desenvolveu. Esse processo de desenvolvimento não foi algo repentino. Por muito tempo o homem se contentou em viver de forma animalesca, até chegar a desenvolver o que hoje chamamos de intelecto.

Mas quanto de esforços foi preciso da natureza, da cultura para tornar esse animal homem um ser confiável? A força que a natureza exerce sobre o homem através da cultura, cria nele uma espécie de memória ativa, que o faz lembrar sempre que necessário, e assim ele começa a assumir responsabilidades.

2.2 A RESPONSABILIZAÇÃO

Quando a natureza através da cultura se propôs criar esse animal confiável, uniforme, igual aos demais, capaz de fazer promessa, mas sobretudo capaz de cumpri-las, nasce a origem das responsabilidades. Esse trabalho é o que Nietzsche chama de *moralidade do costume*², pois todo o esforço desde a pré-história do homem para consigo mesmo, ou seja, através da cultura, esse longo e duradouro caminho traçado por esse gênero, parece encontrar agora seu objetivo principal: o de tornar o homem realmente confiável. Mesmo sob custo de um alto preço, pois foi através de muita tirania, muita dureza, muita dor e até mesmo sangue imposto por uma camisa de força social, (cultura) que essa memória foi capaz de surgir. Quanto de crueldade foi preciso para que o homem fosse capaz de aprender a contar os primeiros números, a gravar em si as primeiras fórmulas matemáticas, a memorizar as técnicas de cultivo, a não esquecer a tradição? Quanta repetição? Quantas marcas criadas nos corpos, a ferro e fogo.

Assim, o homem se encontra como resultado dessa longa formação desse instinto tão necessário não só para sua existência, mas também para sua prevalência sobre os demais animais e sobre toda a natureza. O homem como esse ser dominante, acha se superior, incumbido de explorar os demais seres existentes na terra. A este que Nietzsche chamou de:

[...] o indivíduo soberano, igual apenas a si mesmo, novamente liberado da moralidade do costume, indivíduo autônomo, supramoral, (pois 'autônomo' e 'moral' se excluem), em suma, o homem da vontade própria, duradoura e independente, o que pode fazer promessas – e nele encontramos, vibrante em cada músculo, uma orgulhosa consciência do que foi finalmente alcançado e está nele encarnado, uma verdadeira consciência de poder e liberdade, um sentimento de realização (Nietzsche, 1998, p. 49).

O homem toma agora esse instinto como troféu, e com a euforia típica de quem conquista algo que os outros não têm, enche se de orgulho. Segundo (Mosé,

² A moralidade do costume a que Nietzsche se refere é a mesma descrita por ele em Aurora, 9- 14- 16, é a obediência a todos os costumes estabelecidos pela tradição. É acostumar se com o costume, e segui-los sem se perguntar porque está seguindo.

2018, p. 122), “a consciência nasce do corpo que percebe o mundo e se percebe, que se dobra para se ver, se dobra sobre a vida de modo a vê-la”. E se toma como medida de valor, ou seja, ele olha para o outro a partir de si. Portanto, ele honra os iguais, aquele que empenha sua palavra e a cumpre, do mesmo que despreza os inferiores, os que mentem, aqueles que prometem e não cumprem. A estes está reservado o ‘chicote’ social, a força da coerção social³ sobre eles se mostra clara e evidente, pois a própria sociedade assim determina.

2.3 O INDIVÍDUO SOBERANO

Nietzsche vai puxando fios que se interligam, até chegar aonde ele pretende. Assim, ele refaz todo o processo genealógico da moral. A memória parece ter dado origem à consciência, e esta, à razão. Mas o caminho da consciência até chegar à razão foi um caminho muito longo e difícil. Tardio até, pois esse processo durou milhares de anos (Nietzsche, 1998). Para a consciência poder se afirmar e dizer sim, a si mesmo, teve de enfrentar muitos obstáculos. Então o homem agora tem a memória que o possibilita lembrar do passado e pensar no futuro, fazer promessa. Tem a consciência que o permite criar morais, estabelecer métodos.

Mas como tornar essa consciência, uma consciência moral, confiável, capaz de seguir a tradição, os costumes? Eis o desafio que se lança diante dos humanos. O caminho novamente será longo e árduo, literalmente árduo como Nietzsche afirma em seu terceiro parágrafo da segunda dissertação da obra *Genealogia da Moral*:

Talvez nada exista de mais terrível e inquietante na pré-história do homem do que a sua mnemotécnica. ‘Grava-se algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de *causar dor* fica na memória’ – eis um axioma da mais antiga (e infelizmente mais duradoura) psicologia da terra (Nietzsche, 1998, p. 50).

Fazer este animal homem internalizar, memorizar a tradição, os costumes, as leis para poder a partir daí avançar um pouco mais na direção de uma razão

³ Segundo o sociólogo (Durkheim, 2004), coerção social é toda e qual força de inibição que se exerce sobre um ou mais indivíduos de uma determinada sociedade. Por exemplo: na nossa sociedade, não é convencional os homens usarem saia, portanto se algum homem sair pelas ruas vertido de saia, sofrerá o poder coercitivo das pessoas, desde os olhares desconfiados, os risos de chacota, e até mesmo pode chegar a ser agredido, pois ele é o ‘diferente’, o ‘estranho’, e isso não é bem-vindo na sociedade.

constitutiva, foi tarefa que durou milhares de anos, a custo de muito sofrimento, tanto físico quanto psicológico.

Em todas civilizações e culturas antigas, podemos observar traços desses sacrifícios admitidos pelo próprio homem. As religiões são um bom exemplo das primeiras formas de memorização dos preceitos sagrados. Era comum os homens carregar em seu corpo a marca do seu deus. O sistema penal é um outro exemplo claro de como a dor funciona para afastar do homem o esquecimento e trazer à tona a memória viva de lembrar os seus deveres para com aquela comunidade. Os meios punitivos não serviam apenas para vingar o ato cometido pelo infrator, mas servia também para lhe fazer lembrar que não deveria o cometer novamente.

Nietzsche (1998, p. 51-52), afirma que eles (os alemães), não se achavam um povo cruel e de coração duro, mas bastava olhar para as antigas legislações penais para compreender o quanto custou criar um “povo de pensadores”. Para adquirir essa excelente intelectualidade, os alemães foram submetidos à terríveis meios para sujeitar seus instintos básicos. O apedrejamento, o empalamento, o dilaceramento, o esquartejamento, o esfolamento e várias outras formas de crueldades. Com essas imagens, desses procedimentos, esses exemplos vistos de perto, grava-se na memória de cinco ou seis “não quero” e se faz uma promessa a fim de viver os benefícios da sociedade. Ele conclui que realmente com a ajuda dessa espécie de memória, chegou-se finalmente “à razão”.

Quando falamos de memória, pensamos em seus benefícios, mas esquecemos que com eles vêm os malefícios. A torturante dor do sentimento de culpa sem dúvida é um desses malefícios que atravessam a humanidade e faz o ser humano sofrer. Como surgiu esse sentimento de culpa? Faz parte das indagações nietzscheana na tentativa de desvendar o que está por trás dos valores morais.

2.4 ‘MÁ-CONSCIÊNCIA’

De onde vem o sentimento de culpa, a ‘má consciência’? Mais uma vez, Nietzsche busca refazer novamente o caminho genealógico para trazer à luz o seu início. Primeiro ele vai investigar o conceito de culpa, como ela surgiu. Então, sua resposta para essa pergunta é que a consciência da culpa vem da relação devedor e credor. Novamente retoma o embate com os genealogistas da moral, diz ele: “Esses genealogistas da moral teriam sequer sonhado, por exemplo, que o grande conceito

moral de ‘culpa’ teve origem no conceito muito material de ‘dívida?’” (Nietzsche, 1998, p. 52).

Ainda hoje, em algumas traduções da bíblia, a oração do pai nosso usa o termo “perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores” (Mateus 6,12). Se um homem tomasse algo por empréstimo de outro homem, e não fizesse o pagamento, se tornaria devedor, ou seja, igual aquele que deve uma dor. E o credor é aquele que iria cobrar a dívida, ou seja, crer na dor como forma de saldar uma dívida. E faria isso escravizando os filhos, a mulher ou até mesmo o devedor, arrancaria sangue do devedor para lhe fazer lembrar, através da dor a dívida que tinha.

O sentimento de justiça, segundo o qual o criminoso merece receber seu castigo, sua pena de acordo com o delito cometido, nos parece tão óbvio que chegamos a pensar nele como algo dado naturalmente desde o início. No entanto, o que Nietzsche constata é que não era assim no início. Aquele que devia algo, cometia um delito, devendo então sofrer a dor por sua dívida. Essa dor era equivalente à sua dívida. Essa ideia surge exatamente das “formas básicas de compra, venda, comércio, troca e tráfico” (Nietzsche, 1998, p. 53). Sobretudo no Egito antigo, o credor exercia um poder sobre o corpo do devedor, podendo, “cortar tanto quanto parecesse proporcional ao tamanho da dívida” (Nietzsche, 1998, p. 54). A evolução dessa ideia se dá ao passo em que se pode substituir o castigo por algo equivalente ao dano causado, como a compensação em dinheiro, terra, ou outros bens relacionados.

Até que ponto o sofrimento pode ser usado como forma de pagamento pelo dano causado ao outro? Na medida em que ver o outro sofrer causa mais prazer do que receber o equivalente à dívida. Não era por vingança, e sim por prazer em ver o sofrimento do outro. Nietzsche (1998, p. 56), argumenta que a pouco tempo toda festa ou casamento de príncipes trazia como ponto alto de alegria “execuções, suplícios [...]. Ver sofre faz bem, fazer-sofrer mais bem ainda”.

Assim, os deuses da Grécia antiga, também se regozijavam ao apreciar o espetáculo das guerras de Tróia, e as tragédias. E como os poetas narravam essas histórias com tanta riqueza de detalhes, tanto gozo e felicidade, se não fosse para eles também um festival de prazer? É evidente que eles se deliciavam ao descrever os sofrimentos dos outros. O mundo como espetáculo e os deuses como espectadores, assistindo aos horrores da humanidade.

A comunidade pode proporcionar a seus membros muitas vantagens, como por exemplo: segurança, alimento, proteção, abrigo. Portanto, deve-se à comunidade uma submissão às suas regras e leis. Basta o indivíduo infringir um dos preceitos comunitários e sentirá a mão pesada da comunidade sobre ele. A mesma comunidade que antes o protegia, o alimentava, agora o faz sofrer o castigo e a dor para se lembrar do quanto valia todos aqueles benefícios.

Nietzsche começa a traçar o caminho para chegar à origem do sentimento de culpa, a “má consciência”. A partir do sentimento de vingança, o homem passa a justificar sua crueldade sob o pretexto de praticar a justiça. Nietzsche considera que existem dois tipos de afetos humanos constituídos biologicamente, os ativos e os reativos. Mais tarde ele vai chamar isso de moral dos senhores e moral dos servos. O homem ativo está mais próximo da justiça pois nele não há imparcialidade. É o que em todas as épocas foi chamado de corajoso, o forte, o nobre, é aquele que age, que executa sua vontade de poder, enquanto o reativo é aquele que é inibido, não age e volta sua força para impedir o que age.

O castigo não apresenta apenas um único objetivo, pelo contrário, vários sentidos para os quais serviriam. Castigo para evitar novos danos, castigo como forma de pagamento ao prejudicado, castigo como forma de temor aos demais para que não se faça aquilo. Vários objetivos com que o castigo era empregado, dentre eles, o principal “teria o valor de despertar no culpado o sentimento de culpa, nele se vê o verdadeiro instrumentum dessa reação psíquica chamada ‘má consciência’, ‘remorso’” (Nietzsche, 1998, p. 70). Porém, ele observou que esse castigo não surtia o efeito esperado, pois justamente entre os prisioneiros e criminosos, que se podia esperar grande arrependimento, se notava o contrário, era quase nada o arrependimento genuíno.

Depois de observar que os indivíduos que sofriam os castigos e deveriam se arrepender dos seus atos, mas que a maioria não se arrependia, Nietzsche levanta uma hipótese sobre a origem da má consciência. Ele diz que a má consciência surge de uma dívida do indivíduo para consigo mesmo, ou nas palavras do próprio Nietzsche é a “interiorização do homem”. Isso acontece na medida em que o homem que deveria se expandir, pois todo ser é vontade de potência, “esse mundo é a vontade de potência - e nada além disso! E também vós próprios sois essa vontade de potência - e nada além disso!” (Nietzsche, 1999, p. 450). Este homem, sendo inibido em seus instintos primitivos, tendo de reprimir seus desejos e instintos selvagens em prol de

um convívio social, volta se para dentro. Essa repressão psicológica é o que faz nascer a má consciência, pois “todos os instintos que não se descarregam para fora, voltam se para dentro” (Nietzsche, 1998, p. 73).

É como se o homem tivesse dado um salto rumo ao futuro e logo em seguida tomado uma queda. Essa situação mostra ao homem sua condição limitada. Nietzsche faz uma comparação com os animais aquáticos quando tiveram que se tornar animais terrestres. Eles enfrentaram muitas dificuldades de adaptação. O que antes era fácil locomoção através das águas, agora exigia esforço, carregar o peso do seu corpo, foi sem dúvida a tarefa mais difícil que esses animais tiveram de enfrentar. Semelhantemente o homem ao ter de enfrentar os limites estabelecidos por a sociedade, encontra se em um estado de sofrimento, pois essa pressão sobre ele o faz ter que negar os instintos (Nietzsche, 1998).

Mas quem instituiu essas leis e obrigações que reprimem os homens? Logicamente quem tem poder de mandar. E quem tem poder de mandar são aqueles que se organizaram em forma de estado, com a força guerreira e conquistadora, que dominam povos que talvez mesmo em maior número, mas desorganizados tornam se dominados. Para Nietzsche (1998), os dominadores subjuguam os dominados e neles cria forma, imprime formas, delimita a liberdade. Eles são como o artista trabalhando, esculpindo a sua arte, moldando, dando forma muitas vezes a golpes de martelos, exercendo sua força bruta sobre aquela matéria. Neles não há má consciência, mas é através deles que surge a má consciência. No fundo, a mesma força ativa (vontade de poder) que age nos dominadores, é a mesma força que age (claro que de maneira bem menor) nos dominados.

Essa força ativa reprimida, recuada, voltada para dentro do indivíduo, possibilitou criar coisas importantes para o desenvolvimento da espécie. A própria noção de beleza é uma delas, pois é a partir da contradição, do contraste com a forma ideal que o indivíduo identifica a feiura e a despreza. Assim também, a inteligência é um atributo que se desenvolve com essa repressão, pois a força ativa move o indivíduo na direção de encontrar novas possibilidades de externar esses instintos reprimidos.

Vimos anteriormente que Nietzsche trata a origem da culpa exatamente na noção de dívida, ou seja, para ele, a culpa se origina a partir de uma dívida contraída na qual o indivíduo se torna devedor. Nesse sentido, a má consciência surge a partir de uma dívida também contraída. Mas não uma dívida para com o outro, e sim uma

dívida para consigo mesmo. É o momento em que o indivíduo se torna credor de si mesmo. Ele é ao mesmo tempo que credor, devedor de algo que ele mesmo impôs a si. Para elucidar esse tema ele recorre ao exemplo da comunidade tribal, onde os membros vivos têm em relação aos antepassados um sentimento de dívida. Por isso fazem constantes sacrifícios em favor deles. E o que é mais importante em forma de pagamento é a obediência aos costumes para com os antepassados, como ele explica:

Reconhece-se uma dívida [Schuld], que cresce permanentemente, pelo fato de que os antepassados não cessam, em sua sobrevida como espíritos poderosos, de conceder à estirpe novas vantagens e adiantamentos a partir de sua força. [...] O que se pode lhes dar em troca? Sacrifícios (inicialmente para alimentação, entendida do modo mais grosseiro), festas, música, homenagens, sobretudo obediência - pois os costumes são, enquanto obra dos antepassados, também seus preceitos e ordens (Nietzsche, 1998, p. 77).

2.5 A MÁ-CONSCIÊNCIA E A RELIGIÃO

A partir do que Nietzsche fala sobre a formação da 'má-consciência' vale destacar que o filósofo nos fornece pistas para se pensar o surgimento das religiões. Pois a medida em que a dívida se torna crescente e o medo da punição do ancestral aumenta, cria-se a imagem de um deus que pode punir, castigar, cobrar àqueles que ousam descumprir os preceitos. "O ancestral termina necessariamente transfigurado em deus. Talvez esteja nisso a origem dos deuses, uma origem no medo, portanto!" (Nietzsche, 1998, p. 78). A isso também justificaria a admiração que as estirpes têm pelos seus ancestrais, atribuindo-lhes honras, glórias, descrevendo-os como verdadeiros heróis e aristocráticos.

Todas as religiões antigas lidavam com noções de dívidas. Mas essas dívidas eram finitas, ou seja, eram cotas de dívidas. Na medida em que o indivíduo precisava de um favor do deus, por exemplo: vencer uma batalha. Ele fazia uma oferenda ao deus da guerra e assim estava paga a cota daquela dívida. Era mais uma relação de troca, de comércio, pois o indivíduo precisa de algo, o deus dava a ele, e ele retribuía com o melhor do seu alimento, uma oferenda, um sacrifício e etc. Não havia essa noção de dívida infinita que o cristianismo instituiu (Nietzsche, 1998).

Com o crescimento do cristianismo, o sentimento de culpa alcança seu ponto mais alto. Uma vez que o sentimento de culpa no cristianismo nasce da noção de uma dívida impagável. Por causa do pecado de um homem, (Adão) o mal entrou na terra, e para redimir a humanidade do pecado, os sacrifícios de cordeiros já não eram mais suficientes. É aí que o cristianismo dá o seu golpe de gênio. O sacrifício do próprio Deus encarnado para saldar essa dívida, a qual o homem não teria condições de pagar, por amor a humanidade. O credor pagando a si mesmo pelo devedor. Então o homem torna-se devedor novamente, é culpado da morte de Deus (Nietzsche, 1998).

Cabe destacar que Nietzsche (1998), elege o cristianismo como um alvo a ser combatido. Não o cristianismo em si, mas as ideias que surgiram a partir dessa crença, os valores que fez o homem abdicar da vida real, imediata, palpável, corpórea, por uma vida no além-mundo, uma vida sem vestígios de realidade. Por isso, ele enxerga no ateísmo a saída dessa encruzilhada que o homem se colocou. E ele expressa claramente a sua previsão:

Não devemos inclusive rejeitar a perspectiva de que a vitória total e definitiva do ateísmo possa livrar a humanidade desse sentimento de estar em dívida com seu começo, sua causa prima [causa primeira]. O ateísmo e uma espécie de segunda inocência são inseparáveis (Nietzsche, 1998, p. 79).

É importante mencionar que o interesse deste trabalho é analisar a origem das questões morais, que aqui se apresentam embutidas com o surgimento das concepções religiosas e sua manutenção pelo ideal ascético. Se a dívida havia sido paga, não deveria o homem ficar livre de qualquer sentimento de culpa? Qual a razão dessa incrível vontade que o homem tem de se punir, de se torturar, essa crueldade exercida contra si mesmo? Para esclarecer essa pergunta, a filósofa Mosé (2018), comenta em seu livro, *Nietzsche hoje: sobre os desafios da vida contemporânea* diz que:

O homem que pune a si mesmo é o mesmo que acredita na dor como forma de engrandecimento moral, de elevação. A consciência, neste caso, nasce fundamentada em uma interioridade que pretende controlar as forças instintivas, e nada mais faz do que inverter a direção dessas forças, lançando-as contra si mesmo (Mosé, 2018, p. 125).

E essa loucura psíquica se deve ao fato de o homem querer erigir um ideal de “Santo Deus”, para que ao olhar para esse Deus, se perceba totalmente indigno. Os

deuses gregos eram uma espécie de seres nobres e senhores de si, nos quais o homem se sentia parte, se via como eles. Eram deuses que tinham os mesmos sentimentos que os homens, invejas, ciúmes, luxúrias, ganância e etc. Por isso os gregos inspirados nas forças desses deuses, gozaram de plena liberdade por tanto tempo. Às vezes admitiam entre si um pouco de loucura, quando algo não saía como queria podia associar ao deus, mas não havia sentimento de pecado. Ao contrário disso, o cristianismo fez seu Deus um ser intocável, santo, sem nenhum pecado, “sem mancha”. Assim, o ideal de Deus que ao homem parecia impossível de alcançar torna-se o olho que tudo vê, a onipotência que tudo sabe, a onipresença que está em todo lugar (Nietzsche, 1998).

Podemos dizer até aqui, que ao refazer o percurso genealógico da moral Nietzsche, expressa sua filosofia pluralista, capaz de enxergar um conceito tão rígido, tão sólido como é o conceito de moral, como algo que pode e deve ser modificado para atender à vida como valor supremo. Ao colocar em questão o valor dos valores, ele está não está apenas demolindo um ideal. Ele está querendo chamar atenção para o fato da existência concreta, está apontando para a instigante perspectiva da criação de novos valores. Quando ousou questionar o valor dos valores é porque os considerava humanos, e não valores eternos, conforme diz a comentadora Scarlett Marton:

Quando se trata de investigar como os valores morais foram instituídos, constata-se que não existiram desde sempre, mas têm uma origem e uma história. Se não se pôs em causa o valor dos valores [...] é porque se considerou os valores essenciais, imutáveis, eternos (Marton, 2006, p. 48).

Mas ao fazer o itinerário genealógico da moral, Nietzsche revela que os valores morais se mostram puramente humanos. Ao rebuscar sua constituição e apresentá-la nas formas de ideais, ao apontar para os altos preços de cada ideal, ao demonstrar o quanto custou caro, o quanto foi preciso de sangue humano por cada ideal, por cada forma adquirida, principalmente pelas ideias judaico-cristãs, ele conclui que estes ideais são fatores de negação da vida. E não se trata apenas do cristianismo, mas toda a forma de ideal que o homem inventa, serve para diminuir a vida e criar esse animal de rebanho, essa espécie de niilismo, de negação da existência concreta.

O que então Nietzsche propõe é uma transvaloração dos valores. Essa transvaloração viria pelo homem do futuro, o “anticristão e antiutilitário”, o homem vencedor de ideais. Apesar de que o filósofo transparece desacreditar que no seu tempo fosse capaz de surgir este homem, mesmo assim, manifesta sua esperança que no futuro ele virá, “ele tem que vir um dia ...” (Nietzsche, 1998 p. 85). O filósofo admira a vida que cria e recria, a vida em transformação, a vida se expressando, a vida sendo vivida, conforme a comentadora, “é um projeto que espera mudar completamente a direção até então seguida pelo ser humano” (Marton, 2014, p. 86). Essa tarefa está destinada ao além-do-homem, ao homem que está *além do bem e do mal*.

Observando a compreensão de Nietzsche sobre a ‘má-consciência’ e a religião, questionamos agora sobre o que ele apresentou em sua filosofia como ‘ideal ascético’ e sua relação com a negação da vida, como também, conhecer seus maiores representantes: os sacerdotes.

3 O IDEAL ASCÉTICO

Verdade é o tipo de erro sem o qual uma espécie de seres vivos não poderia viver. O valor para a vida decide em última instância (Nietzsche, 2008, p. 264).

Algumas perguntas são incômodas para nossa humanidade; quem somos nós? De onde viemos? Para onde vamos? São questões que nos retiram da zona de conforto e nos coloca em uma perspectiva reflexiva, e muito mais que isso, mesmo sem serem enunciadas, verbalizadas, elas parecem nos incomodar, pois as palavras não dão conta de todos os sentimentos que existem em nós. Desde que a consciência humana se desenvolveu e ganhou complexidade a ponto de conseguir pensar sobre si, o homem tem se deparado com o problema da sua origem e da sua finitude. Saber se finito causa um sofrimento, é como estar em um banquete farto e pensar que em breve terá que ir embora e deixar tudo aquilo para traz.

O maior desalento do homem é saber se indigente, sozinho no mundo, por isso ele cria sempre a imagem de um deus sobre si, alguém que possa responder por suas fragilidades. Nada pode ser mais angustiante do que a constatação dessa solidão no mundo. Então o ele tratou de encontrar um sentido para sua existência, pois o homem, através de sua consciência é um criador de sentido. Segundo (Nietzsche, 1998), o ideal acético surge como esse alento ao sofrimento, esse sentido que faltava ao sofrimento. Ele surge para preencher a lacuna, do vazio da existência, o 'horror ao vácuo', o medo do tédio. Por isso, o homem erigiu ideais e a eles se apegou como único e exclusivo modo de viver.

É interessante que Nietzsche coloca como epígrafe da terceira dissertação desta obra, um pequeno texto de *Assim falou Zaratustra* onde diz: "Descuidados, zombeteiros, violentos, assim nos quer a sabedoria: ela é uma mulher, ela ama somente um guerreiro" (Nietzsche, 1998, p. 87). Ele se utiliza de uma metáfora semelhante em que compara a mulher à verdade no prólogo do livro *Além do bem e do mal quando* diz: "Admitindo que a verdade seja mulher, não está fundamentada a suspeita de que todos os filósofos enquanto permaneciam dogmáticos nada compreendiam a respeito de mulheres?" (Nietzsche, 2009, p. 7). Parece que a busca constante de todos os filósofos pela sabedoria e pela verdade, sempre os colocou

num lugar desconfortável, um lugar de erigir ideais, utopias, busca por algo inalcançável. De forma ainda embrionária esses questionamentos já apareciam no pensamento do jovem Nietzsche quando escreveu seu primeiro “brinquedo filosófico”, “Quantas vezes toda a nossa filosofia não me pareceu uma torre babilônica: alçar-se até o céu é o objetivo de todos os grandes esforços, o reino do céu sobre a Terra significa quase o mesmo” (Nietzsche, 1998, p. 164). A busca por essas ideias tornou filósofos e teólogos homens angustiados em busca destas verdades, sabedorias, destes céus.

3.1 O IDEAL ASCÉTICO COMO UMA JUSTIFICAÇÃO

Na continuidade da crítica nietzscheana sobre a moral e sobre a cultura europeia de seu tempo aparece a figura de um construtor e propagador desses ideais, o sacerdote acético. Este ser cria ideais e consegue arrebanhar seguidores, as pessoas que acreditam nesses ideais. O sacerdote acético é aquele que fere e que passa o remédio na ferida (Nietzsche, 1998, p. 116). Ele é aquele que cria a dificuldade para depois vender a solução.

O ideal acético limita o homem e tem como objetivo tornar o homem uniforme, igual entre iguais, um animal de rebanho. As três palavras que o ideal acético exalta são: “humildade, pobreza, castidade” (Nietzsche, 1998, p. 98). O problema não está no conceito de cada palavra, pois quando alguém enxerga valor subjetivo nesses conceitos e reconhece para si como algo importante para incorporar na sua vida sem a imposição cultural ou sacerdotal, e acata algum ou todos esses conceitos como seu modo de vida particular não pretendendo impor a outros, nem os tornar doutrinas que se pretenda universal, isso pode ser positivo. Por tanto, um pouco de ascetismo bem elaborado, refletido e sem o jugo de um ideal, pode ser sim algo bom à vida, algo que propicia um valor maior. A própria filosofia em seu início pegou carona nas asas desses conceitos.

A um exame histórico sério, o laço entre ideal ascético e filosofia revela-se ainda mais estreito e sólido. Pode-se dizer que apenas nas andadeiras desse ideal a filosofia aprendeu a dar seus primeiros passinhos sobre a terra - ah, ainda tão desajeitada, de carinha tão aborrecida, tão pronta a cair e ficar deitada sobre o ventre, essa coisinha tímida e mimosa de pernas tortas! À filosofia sucedeu inicialmente o mesmo que a todas as coisas boas por muito tempo não tiveram a coragem de ser elas mesmas, olhavam em torno de si, a ver se ninguém lhes vinha em auxílio, mais ainda, tinham medo de todos os que as miravam (Nietzsche, 1998, p. 102).

A filosofia então, nasce entrelaçada ao ideal acético, na verdade ela nasce como um ideal, só depois ela ganha autonomia, cresce e se desenvolve. De início ela teve que aprender a ser apenas uma mímese do homem contemplativo, do sacerdote, do feiticeiro, do adivinho, do homem religioso, para em seguida de alguma maneira poder existir (Nietzsche, 1998, p. 105). Pois na comunidade primitiva os esforços de pensar, de questionar, de inovar não eram bem-vindos, visto que o comportamento aceitável conforme mencionado na segunda dissertação, era o de tornar o animal homem, um ser confiável, para tanto, necessário seria tornar ele um ser igual entre os iguais, jamais um ser que ousasse fazer diferente.

A abstenção de mulheres e da prática sexual, não configura necessariamente um culto à castidade ou a um ideal de castidade, pois em alguns casos o homem está apenas canalizando a energia sexual à outra atividade da sua vida que julga mais importante, como no caso de um competidor na preparação do seu corpo as vésperas de um importante torneio. Quanto a isso, tudo certo. O problema está na imposição que o sacerdote acético colocou sobre estas palavras. A medida em que se impõe como um valor metafísico, elas se tornam reféns de uma ideologia, e é isso que o filósofo combate. O sacerdote acético soube incutir na cabeça do seu rebanho o sentimento de culpa, culpa pelos seus pecados, e assim se formou essa visão do mundo, a única visão do mundo, pois não havia lugar para outra visão, não havia espaço para a dúvida, tudo já estava escrito, tudo já estava revelado. Então buscar respostas em outro lugar seria até mais pecado, cabia às pessoas apenas aceitarem o que o sacerdote acético lhes colocou.

E agora estamos condenados à visão desse novo doente, 'o pecador', durante alguns milênios - jamais nos livraremos dele? -; para onde quer que nos voltemos, em toda parte o olhar hipnótico do pecador, movendo-se sempre na mesma direção (na direção da 'culpa', como a única causa do sofrer); (Nietzsche, 1998, p. 130).

Essa visão de mundo explicava a causa do sofrimento, e de alguma forma confortava o homem saber porque sofria, pois não é o sofrimento em si que lhe causa dor, mas o não conhecer a causa e o sentido do sofrimento, isso é motivo de dor e

angústia no homem. Ao oferecer uma causa e um sentido para o sofrimento, o sacerdote acético conseguiu moldar o bicho homem e torná-lo um animal domesticado. Com isso, o ideal acético se vangloria de ter “melhorado o homem”, por ter tornado o homem esse ser confiável, quando na verdade, ele apenas tornou o homem um animal prisioneiro de si mesmo com a ideia de ter colocado o homem enquadrado em uma caixinha, em canaletas de pensamento, conforme (Nietzsche, 1998, p. 131), “para mim, ‘melhorado’ significa - o mesmo que ‘domesticado’, ‘enfraquecido’, ‘desencorajado’, ‘refinado’, ‘embrandecido’, ‘emasculado’ (ou seja, quase o mesmo que lesado ...)”.

Os ideais acéticos foram responsáveis por ter adoecido não só o indivíduo, mas também as sociedades. Isso resultou “em um sistema nervoso arruinado, em acréscimo ao que já era enfermo; e isso no geral e no particular, nos indivíduos e nas massas” (Nietzsche, 1998, p. 131). Daí, as consequências disso foram:

encontramos tremendas epidemias epiléticas, as maiores de que fala a história, como as danças de são Vito e são João na Idade Média; encontramos, como outra forma do seu influxo, paralisias terríveis e depressões prolongadas, com as quais por vezes o temperamento de um povo ou de uma cidade (Genebra, Basileia) se transforma de uma vez por todas em seu oposto; - nisto se inclui a histeria das bruxas, algo aparentado ao sonambulismo (oito grandes erupções epidêmicas dessa histeria somente entre 1564 e 1605) -; encontramos igualmente aqueles delírios coletivos sedentos de morte, cujo horrível grito – ‘evviva la morte’ - foi ouvido por toda a Europa (Nietzsche, 1998, p. 131).

O homem do ressentimento (sacerdote acético) consegue seduzir os felizes, fortes, os nobres e nisso o fazem pensar que são maus por serem felizes, que não têm o direito de serem felizes porque “é uma vergonha ser feliz! existe muita miséria! ...” (Nietzsche, 1998, p. 114). Algo semelhante a isso ocorre em nosso tempo. Há uma onda crescente de que existe uma “dívida histórica”⁴ para com os negros que foram escravizados, que a sociedade atual deve pagar pelos erros do passado, isso parece tão doentio, tão absurdo quanto querer modificar a ordem do tempo cronológico e fazer com que ele caminhe de volta para traz. Este fenômeno chamado, dívida

⁴ Dívida histórica é um termo que se refere à responsabilidade que as sociedades, governos e Estados do presente têm de assumir pelas injustiças cometidas por sociedades, governos e Estados do passado. No caso da escravidão, a dívida histórica com os negros escravizados é um exemplo de como as sociedades do presente devem assumir a responsabilidade pelas injustiças cometidas contra os negros no passado.

histórica é uma culpa que esses sacerdotes acéticos, (intelectuais ressentidos) tentam a todo custo nos imputar, é a máxima expressão de um grupo que não consegue lidar com a felicidade que reside no âmago da vida, no agora. Eles buscam a qualquer custo negar a vida e submeter nos ao sofrimento de uma dívida impagável como fizera os cristãos ao afirmar que Jesus foi morto por os pecados da humanidade, contraindo assim, uma dívida impagável para toda a humanidade. Esses intelectuais e influenciadores ressentidos do nosso tempo, se vestem com as vestimentas da compaixão e da justiça para expressar sua verdadeira natureza. Eles carregam sobre si as características do sacerdote acético descritas pelo filósofo:

O sacerdote é aquele que muda a direção do ressentimento. Pois todo sofredor busca instintivamente uma causa para seu sofrimento; mais precisamente, um agente; ainda mais especificamente, um agente culpado suscetível de sofrimento em suma, algo vivo, no qual possa sob algum pretexto descarregar seus afetos, em ato ou in eifigie [simbolicamente]; pois a descarga de, afeto é para o sofredor a maior tentativa de alívio, de entorpecimento, seu involuntariamente ansiado narcótico para tormentos de qualquer espécie (Nietzsche, 1998, p. 116).

O sacerdote acético oferece um analgésico, um paliativo. Ele não busca eliminar o sofrimento, pois ele precisa do sofrimento como meio de controle do rebanho. Então ele dá um diagnóstico, e esse diagnóstico quando aceito é capaz de entregar um sentido ao que sofre, e isso de alguma forma já o satisfaz. Ele diz à suas ovelhas, vocês sofrem por causa do pecado, e a pessoa pode responder, mas eu não cometi nenhum pecado, eu sempre cumpri os mandamentos, eu sempre segui as doutrinas da igreja, eu sempre fiz tudo que me ensinaram, então ele diz: mas no passado, houve um primeiro homem chamado Adão, este pecou contra Deus, e por causa do seu pecado você sofre. E a pessoa passa a acreditar nessa culpa e a toma como sua. Não é pelo fato da pessoa acreditar que seja culpada, que realmente ela tenha culpa, assim como do fato da pessoa se sentir justa não faz dela uma pessoa justa. A maioria das mulheres simples que eram acusadas de serem bruxas no século XV, até pela sua condição de pouca instrução, realmente acreditavam que eram bruxas, que eram culpadas e, portanto, mereciam sofrer os castigos. Nisso Nietzsche retoma aquilo que já foi exposto na segunda dissertação, sobre a origem da 'culpa'.

A tentativa de encontrar um sentido para seu sofrimento, faz este sacerdote acético procurar culpados em qualquer lugar, “alguém deve ser culpado de que eu esteja mal - esta maneira de raciocinar é comum a todos os doentes, tanto mais quanto lhes for desconhecida a verdadeira causa do seu mal-estar, a fisiológica” (Nietzsche, 1998, p. 117).

Os sofredores são todos horrivelmente dispostos e inventivos, em matéria de pretextos para seus afetos dolorosos; eles fruem a própria desconfiança, a cisma com baixeiras e aparentes prejuízos, eles revolvem as vísceras de seu passado e seu presente, atrás de histórias escuras e questionáveis, em que possam regalar-se em uma suspeita torturante, e intoxicar-se do próprio veneno de maldade - eles rasgam as mais antigas feridas, eles sangram de cicatrizes há muito curadas, eles transformam em malfeitores o amigo, a mulher, o filho e quem mais lhes for próximo (Nietzsche, 1998, p.117).

Visto que é impossível o pagamento com dinheiro dessa ‘dívida’, talvez queiram essas pessoas de espíritos doentes adoecer também os sãos, aqueles que estão bem psicologicamente, e como se tentassem incutir em suas cabeças – olha, vocês estão felizes às custas das misérias que ocorreram no passado. Assim como alguns sacerdotes acéticos apontam para um futuro ilusório, estes malogrados atuais apontam para fatos históricos que ocorreram no passado e que nós não temos sobre eles nenhuma responsabilidade. Exigir do passado uma reparação é não assumir o presente que se tem, e pode ser vivido. Ficar preso às feridas do passado é tão doentio quanto se perder nos ideais futuros.

Os bem logrados, ou seja, os fortes de espírito, aqueles poucos que permeiam a cultura e que solitários pregam as boas novas a todos, devem se afastar dos malogrados para não respirar o “ar ruim, o ar de hospital, o ar de hospício; devem se defender das duas mais terríveis pragas que podem estar reservadas para nós precisamente - o grande nojo do homem e a grande compaixão pelo homem!...” (Nietzsche, 1998, p. 114). O forte não se alia a outro, ou pelo menos não busca se aliar, ele é forte o suficiente, ele a si próprio afirma, não depende de ninguém para ser quem é. Enquanto o fraco se alia, junta-se em grupos, forma rebanhos, e o líder desse rebanho é justamente um sacerdote acético.

Essa moral religiosa, utilizada de forma estratégica pelo ideal acético, foi a principal arma contra a vida, contra o vigor da vida, contra a saúde da vida. Esta moral que impôs sobre a vida, subjugando e colocando a vida para baixo de si, pisando

sobre a vida, tripudiando sobre a vida, ela sim é um ser mal, algo ruim para a vida. Ela legitima toda a crueldade do homem para com o homem. Esta moral deve ser superada, vencida, para que se crie, se invente novas morais, e que sobre elas o homem viva, reine, e não o contrário. A moral nunca pode estar acima da vida, ela dever servir a vida. Mas servir a quê da vida? A sua vontade de potência, aquilo que a vida busca, se expandir de forma plena.

Nietzsche faz duras críticas ao novo testamento em comparação ao antigo testamento da bíblia, aos tratados apologéticos que se sobrepôs à literatura, que se colocou como palavra de Deus. Aos apóstolos, esses sacerdotes acéticos que em tudo usam o nome de Deus para justificar seus intentos, suas misérias, suas fraquezas. Estes homens, com estes escritos, corromperam não só suas gerações, mas várias gerações futuras. As influências romanas, mais helenística do que judia no cristianismo, trouxe a eles a falta de educação e criatividade da vida.

A filosofia como uma corrida de revezamento em que um carrega o bastão até um ponto e passa para outro, e este pega a partir desse ponto para prosseguir ou refutar a ideia anterior, havia se comportado muito próxima do ideal ascético. Essa busca incessante pela verdade essa 'vontade de verdade', não é outra coisa senão uma forma de ideal.

O ideal acético na figura da moral religiosa não permitiu outra forma de interpretação que não fosse a sua. Ele se impôs acima de qualquer poder, ele próprio se instituiu e se outorgou o poder supremo de julgar os outros valores, se colocou como valor supremo, se elevou acima da vida, se sobrepôs à vida. Com a anuência de "Deus," ele se tornou inquestionável, digno de toda confiança e respeito. Ele se colocou como valor supremo, pois o homem sofria da falta de sentido, e conforme (Nietzsche, 1998, p. 149), "o ideal ascético lhe ofereceu um sentido/Foi até agora o único sentido;" nele achou se então a resposta para o sofrimento da humanidade.

3.2 A FALTA DE OPOSIÇÃO AO IDEAL ACÉTICO

A crítica nietzscheana ao ideal acético também foca na falta de uma visão antagonista a essa única forma de interpretar o mundo estabelecida, a falta de um contraponto, o outro lado ou outras perspectivas. "Onde está a contrapartida desse sistema compacto de vontade, meta e interpretação? Por que falta a contrapartida?..." (Nietzsche, 1998, p. 136).

Alguém poderá apontar a ciência como essa contrapartida, como essa oposição que faltava a esse ideal. Pois antes, tudo se explicava através da magia religiosa. Os fenômenos naturais como a chuva, o vento, o trovão eram coisas dos deuses. Até mesmo as doenças eram problemas dos quais o sistema religioso se encarregava de resolver. Os padres eram as autoridades designadas pela igreja para resolver esses problemas. Se uma pessoa ficava doente, a família chamava o padre e este rezava pelo enfermo, se este ficasse curado era porque Deus havia concedido a graça através da igreja. Mas se a pessoa morresse era porque Deus quis. Se houvesse uma praga na plantação, o padre também era chamado para abençoar colheita. Enfim, a fé era tudo que o povo tinha.

Com o fenômeno do iluminismo e a ciência avançando, o homem adquiriu ferramentas com as quais construía suas próprias explicações, e mais do que isso, podia experimentar na prática as afirmações dadas pela ciência através de equipamentos tecnológicos, frutos de um saber humano que retira da natureza a matéria prima das suas invenções. De posse de muito conhecimento, o homem passou a rejeitar as explicações religiosas, e a fundamentar sua fé na ciência. É a incapacidade que o homem tem de aceitar sua falta de objetivo no mundo, sua indigência, sua finitude, que faz ele sempre criar para si estes ideais, essas metas, esses deuses. E a ciência se apresentava como esse ideal que seria capaz de dá respostas e resolver todos os problemas da humanidade. Mas ela não é a oposição ao ideal acético, pelo contrário, ela é a sua nova versão, ela é um novo ideal.

Esses negadores e singulares de hoje, esses irreduzíveis em uma coisa, na exigência de asseio intelectual, esses duros, severos, abstinentes, heroicos espíritos que constituem a honra do nosso tempo, todos esses pálidos ateístas, anticristãos, imoralistas, niilistas, esses céticos, eféticos, hécticos do espírito (todos sem exceção, de um modo ou de outro), esses últimos idealistas do conhecimento, únicos nos quais habita e está hoje encarnada a consciência intelectual - eles se crêem tão afastados quanto possível do ideal ascético, esses 'espíritos livres, muito livres': e no entanto, eu aqui lhes revelo o que eles próprios não conseguem ver - pois estão demasiado próximos a si mesmos -: esse ideal é também o seu ideal, eles mesmos o representam hoje, ninguém mais talvez, eles mesmos são o rebento mais espiritualizado desse ideal, sua mais avançada falange de guerreiros e batedores, sua mais insidiosa, delicada e inapreensível forma de sedução - se jamais fui um decifrador de enigmas, quero sê-lo com esta afirmação!... Esses estão longe de serem espíritos livres: eles crêem ainda na verdade... (Nietzsche, 1998, p. 138).

Depositar esperança total na ciência que estava se impondo, era a continuidade da 'vontade de verdade' que existe no homem. Sobretudo a empolgação nas recentes descobertas científicas, como a teoria da evolução das espécies de Darwin, tornava o homem um membro fiel desse novo ideal acético, a ciência enquanto ideal em nada poderia contribuir para uma nova perspectiva de mundo ao qual o filósofo propunha, pois ela depositava sua fé, sua certeza no conhecimento, e, portanto, na busca ilusória da verdade. Pairava sobre o século XIX um enorme desencantamento das crenças religiosas, da magia. Na modernidade, o iluminismo havia modificado o modo como as pessoas enxergavam o mundo. A ciência estava arrogando para si o direito e a autoridade de explicar tudo.

Em busca de um fundamento, o homem se entregou a noção de verdade absoluta em Deus, suspendendo assim toda e qualquer necessidade de se adquirir outras verdades. Com isso o problema da verdade deixa de ser um problema. Porque a verdade, enquanto ocupava esse lugar de Ser, de Deus, ela mesma se justificava, não precisando assim ser questionada, mas "a partir do momento em que a fé no Deus do ideal ascético é negada, passa a existir um novo problema: o problema do valor da verdade" (Nietzsche, 1998, p. 140). Com isso, o valor da verdade deixa de ser ele mesmo pleno e passa a ser questionado.

A ciência é, portanto, uma aliada do ideal acético e não seu oposto. A ciência combate no ideal acético apenas a sua dogmatização, sua roupagem externa, mas na sua essência é a parte interior da mesma moeda. O homem não consegue suportar a ideia de que o universo é caos, e sendo caos, a organização que nele vemos são dados dos nossos sentidos, e por tanto são atribuições nossas aos fenômenos que a nós se apresentam. O universo não tem um ser como fundamento, nem uma verdade a ser revelada, essa verdade que fez muita gente perder o sono tentando encontrá-la. Sendo assim, a vida é um acontecimento singular no meio dessa pluralidade de forças existentes, cabe a cada um criar a sua verdade e dá o seu sentido à sua vida.

3.3 VIDA COMO UMA OBRA DE ARTE

Apresenta-se a arte como uma possibilidade de oposição bem mais eficaz em relação ao ideal acético. Conforme a comentadora Scarlett, "em Nietzsche, talvez mais do que em qualquer outra parte, filosofia e arte se conjugam" (Marton, 2009, p. 51). Não é sem motivos que ele diz que só acreditaria num deus que soubesse dançar,

porque a dança, enquanto essa expressão de arte praticada pelo corpo em movimento imita a vida. Pois “a arte como produção humana é um desdobramento, uma apropriação da força artística inconsciente da própria da vida” (Mosé, 2018, p. 105).

Enquanto a ciência, junto com o ideal acético constituem um empobrecimento da vida, a arte pelo contrário, constitui um favorecimento da vida, uma vez que não quer ser verdade, antes quer apenas ser uma imitação da realidade, e por tanto mais uma forma de vida. Pois a arte não deve ser vista e entendida apenas do ponto de vista do espectador, mas dever ser antes vista e sobretudo compreendida do ponto de vista do seu autor, aquele que a esculpiu, aquele que a fabricou e a ela deu seu sentido.

A vida não tem um objetivo, uma finalidade como dizem os sacerdotes ascéticos. Por tanto não existe uma verdade por trás de tudo que precisa ser escavada e encontrada por alguém. Nesse sentido, qualquer tipo de busca se reduz a ideais ascéticos que só levam o homem a deixar de viver o presente em busca de um futuro incerto. Por isso, “a arte, na qual precisamente a mentira se santifica, a vontade de ilusão tem a boa consciência a seu favor, opõe-se bem mais radicalmente do que a ciência ao ideal ascético” (Nietzsche, 1998, p. 141).

A arte não faz julgamentos dos sentidos, dos desejos, dos impulsos, da vontade de potência, antes, ela expressa os sentidos. “A arte como única força contrária superior, em oposição a toda vontade de negação da vida; anticristã, antibudista e antiniilista par excellence” (Nietzsche, 2008, p. 427). Através dela, o artista cria valores, ao se permitir interpretar a vida. O artista é aquele que não segue os padrões morais estabelecidos, não se limita a cumprir um ritual do que é ‘certo’, afinal para ele não existe certo e errado, bom ou mal, verdadeiro ou falso. Na arte é que o humano pode revelar seus desejos, é por meio dela que o verdadeiro artista se mostra, ao deitar uma tinta com um simples pincel ou com seus próprios dedos em uma tela branca, o pintor revela sua singularidade, sua capacidade única de tirar da sua imaginação a imagem e transportá-la para aquela tela crua em forma de desenho. É na música enquanto composição artística que o cantor é capaz de interpretar o sofrimento de um homem apaixonado e através da sua voz fazer ecoar os sons e os tons que só ele tem. É na poesia artística que as histórias são reinventadas, é na oralidade dos cânticos Homéricos que a beleza da vida se refaz a cada versão contada e cantada. Por isso a arte é uma redenção ao sofredor, “daquele que não apenas vê

o caráter terrível e problemático da existência, mas antes o vive e quer vivê-lo, do homem que é guerreiro trágico, do herói” (Nietzsche, 2008, p. 427).

É preciso deixar bem claro que a arte que o filósofo se refere não é a arte institucionalizada, tornada profissão como é a arte mais comum em nossos dias. A arte a qual ele se refere é aquela “atividade propriamente criadora presente não somente no ser humano [...]. A vida é antes de tudo um fenômeno estético” (Mosé, 2018, p. 104).

Diante de toda a crítica nietzscheana sobre a moral religiosa, política, social, artística, enfim, a crítica a todas as formas de morais estabelecidas nos resta uma questão: se abandonarmos todas essas morais, não estaremos todos como um barco à deriva? Não estaremos como um objeto solto no espaço? Pois o homem sem um solo a firmar seus pés e um destino que o espera, parece um ser entregue à própria sorte. Essa questão nos inquieta porque estamos acostumados a pensar a partir das morais que temos estabelecidas, a partir desse solo impermeável que moldou nosso modo de compreender o mundo até agora. O que Nietzsche propõe é justamente que possamos, assim como em uma peça artística genuína, ser capaz de ousar, de ir além dos conceitos estabelecidos, de criar individualmente nossa própria forma de ver e interpretar o mundo. Na tentativa de desvendar os *labirintos da alma*, através da filosofia nietzscheana, o professor Oswaldo Giacóia, diz:

Que crença é essa que nos obriga, a nós imigrantes, que abandonamos para sempre nossa pátria moral, ao nos desobrigar do dever de obediência aos seus imperativos? Nessa crença se revela o engajamento moral da crítica nietzscheana da moral: é a crença na possibilidade do Além-do-Homem, em novas possibilidades para O tipo homem, presságios que se delineiam à sombra assustadora do niilismo extremo. Não se trata de uma superação que conserva a moral sobrevivida, supra-sumindo-a; trata-se de um engajamento (moral) pelo inteiramente outro, engajamento que se intensifica em face do perigo, concreto e presente, para Nietzsche, de completa degeneração do tipo homem sob o despótico domínio universal de uma moralidade cujas supremas referências se esgotam (Giacóia, 1997, p. 148).

Se não há um valor moral superior, se não há um valor moral dado anteriormente ao homem ou estabelecido num além-mundo, se todos os valores morais são genuinamente humanos, ‘demasiados humanos’, se todos os valores se equivalem, e o homem não vive sem ter valores, paradoxalmente o homem se perde na demarcação dos valores. A dura constatação de que o homem não tem um objetivo a ser alcançado, de que não existe um paraíso a lhe esperar no além-mundo poderia ser um motivo de tristeza e desilusão. Mas ao invés disso diz (Nietzsche, 2001, p.

215), “Não, a vida não me desiluiu! A cada ano que passa eu a sinto mais verdadeira, mais desejável e misteriosa [...] e não um dever, uma fatalidade, uma trapaça!” E no mesmo aforismo ele continua falando do conhecimento que se relaciona com a vida: “E o conhecimento [...] para mim ele é um mundo de perigos e vitórias, no qual também os sentimentos heroicos têm seus locais de dança e de jogos.” Tendo a vida como esse valor supremo que deve nortear a existência humana, Nietzsche começa apresentar o além do homem, aquele indivíduo soberano, senhor de si, aquele que não fica preso às morais estabelecidas, mas antes cria sua própria moral.

O convite de Nietzsche a esse modo de valorar a vida é sobre saber o que é melhor para si, sobre se conhecer sobre entender se. O além-do-Homem é a perspectiva de um novo olhar do homem para si, este Homem é antes de tudo um ser que se conhece. Quem melhor pode conhecer o indivíduo do que ele mesmo? Com isso, ele não está propondo um relativismo, muito pelo contrário, propõe uma nova forma de valorar a vida. Ao invés de valorar a vida conforme todos, como o animal de rebanho que se tornou o homem, a pessoa deve avaliar e valorar a sua vida de acordo com a sua vontade, sem se tornar refém dos valores já estabelecidos.

O destino do homem é o si mesmo. Mas ao longo de sua trajetória ele criou outros destinos no além, e os buscou incessantemente. Em que momento da história o homem se desviou do seu caminho natural para um caminho artificial? Quando deixou de enxergar o sentido da vida nela mesmo e passou a buscar o sentido na razão, ou em um mundo além, ou na verdade. Foi nesse momento que o homem se perdeu de si mesmo. A vida contemplativa exigia do homem apenas o viver, mas em um determinado momento o homem decidiu criar ideais, e ao criar ideias de vida se distanciou da vida. A vida é transitoriedade e não aceita se deixar aprisionar por regras, não se permite ser conceitos, ela só precisa ser vivida.

A vida é um rio de águas profundas, nós, os humanos somos seres que existem às margens desse rio. Somos cuidadosamente vigiados por uma camisa de força social que nos quer enquadrados em padrões pré-estabelecidos. Vez em quando por um descuido Da camisa de força social, nós caímos nesse rio, e por alguns pequenos instantes vivemos, algumas vezes até ousamos mergulhar um pouco mais fundo. Mas logo somos convidados a voltar à superficialidade, retornar a cumprir tarefas. É pra isso que a sociedade nos fez, é pra isso que ela nos quer, que sejamos cumpridores de tarefas, que sirvam ao grupo, que sirvam ao rebanho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista toda discursão que foi apresentada no âmbito de nossa pesquisa, foi possível compreender que para Nietzsche, o mundo é constituído por forças, denominadas vontade de potência. Estas forças lutam entre si, hora uma vence, em outro instante outra prevalece. Vencedor e vencido existem em luta permanente, constante, sem trégua. Essas forças denomina se vontade de potência, e estão presentes atuando em cada ser.

Notamos, então, que a vontade de potência são forças criadora de vida, uma força ativa que busca expansão. Mas existem as forças reativas que reagem às forças ativas buscando combatê-las. Essas forças reativas, atuando no homem, sobrepõem se às forças ativas e subvertendo os valores criativos, positivos, fortalecedores de vida, instituíram os seus valores morais e impuseram aos homens uma vontade que se volta contra a vida, uma vontade que nega a vida.

Vimos que para Nietzsche os valores morais são construções humanas, criadas a partir dessas forças nos indivíduos. Para ele, a “natureza” humana precisou desenvolver a memória, isto é, a capacidade de se lembrar do passado, e também a possibilidade de se lembrar do futuro, ou seja, a capacidade de fazer promessa. A natureza, entendida aqui no sentido de força instintiva de vida, de vontade de potência. Ao desenvolver a memória, o intelecto e a consciência, o homem precisou se ajustar, se organizar a viver em comunidade. Então, surgem os primeiros valores. Assim, ficou claro em nossa pesquisa que os valores morais são construtos históricos.

Ao percorrer a filosofia de Nietzsche, no aprofundamento compreensivo do ideal ascético, vimos ainda que o fortalecimento da comunidade primitiva exigia do homem confiabilidade, lealdade, constância, isto é, abnegar dos seus desejos e impulsos individuais em nome da comunidade. Foi então que a sociedade precisou instituir valores morais como ferramenta para domesticar o ‘homem animal’ e torná-lo humano. Assim como as forças, existem valores ativos que expandem a vida, que valorizam a vida, que elevam a vida, e existem valores negativos, que reprimem a vida, que subjugam a vida, e diminuem a vida, que negam a vida.

Nesse percurso histórico apresentado por Nietzsche, em seu trabalho genealógico, foi que entendemos como surgiu o ideal ascético. Ele se apresenta quase que como um anexo ao homem. Criado pelo sacerdote (líder religioso, “filosofo”, cientista), o ideal ascético tinha o objetivo de dar um sentido aos sofredores,

pois o homem sofria da falta de sentido da vida. E o sacerdote ascético, esse construtor de ideais tentou responder a pergunta fundamental da existência: para quê o homem? Essa era uma pergunta que carecia de resposta. Então, ele tratou de inventar respostas tentando responder à incômoda pergunta pelo sentido da existência humana. Para dar essas respostas criaram os conceitos de Ser, de mundo das Ideias, de Deus, de mundo além ou céu, de Verdade, tudo isso para dizerem que o homem tem uma causa, uma finalidade.

Compreendemos que crítica nietzscheana ao cristianismo como ideal ascético reside no fato de que o cristianismo promove uma negação da vida e dos instintos humanos, em favor de valores que exaltam o sofrimento, a renúncia e a fraqueza como virtudes. Para ele, o cristianismo reforça uma moralidade que reprime a vitalidade e o potencial criativo do ser humano, glorificando a submissão e o sacrifício como formas de alcançar a beatitude, e morar num paraíso, no além mundo, no mundo imaginário. Por isso que ele diz que essa visão desvaloriza o mundo terreno e as experiências humanas, e funciona como uma estratégia de poder dos sacerdotes ascéticos que mantém as pessoas sob controle, ao mesmo tempo que mascara ressentimento e a incapacidade de afirmar a vida em toda a sua plenitude.

No decorrer de nossa pesquisa, vimos que uma vez instituídos estes ideais, o homem passou a buscá-los, e assim deixou de viver a vida, deixou de aceitar a vida como vida. Pois a vida entendida como vida em seu real sentido é um eterno fluir, um eterno retorno contínuo, transitoriedade, um sempre vir-a-ser. Portanto desejar o futuro é uma fuga da vida real, da vida concreta, da vida vivida no instante em que acontece. A vida é um acontecimento, um ato, uma ação, não uma suposição, não uma expectativa, não uma esperança depositada no além.

Ao final desse trabalho, podemos concluir que a proposta nietzscheana para a saída do homem do seu sofrimento pela busca de sentido, são as artes. Pois entendemos através de sua filosofia que as artes são as expressões humanas mais inúteis de suas manifestações da existência, e isso basta à vida. Toda forma de utilidade carrega consigo a gênese de um ideal, algo que vimos que Nietzsche procurou denunciar em toda a sua obra.

Assim, a arte é essencial para a vida humana porque ultrapassa os ideais ascéticos, esses muitas vezes impostos pela cultura, ela rompe com as fronteiras políticas, expressa os sentimentos do corpo e através dela o homem pode se eternizar, pois ela transcende os limites do tempo. Ela nos permite explorar e

comunicar sentimentos, ideias e experiências que a linguagem não dá conta, pois as palavras para Nietzsche são apenas um batalhão móvel de metáforas. Além disso, a arte estimula a criatividade, algo que o filósofo sempre apreciava como vontade potente da vida humana. Ao mesmo tempo, a arte oferece conforto e beleza, ajudando a enfrentar o desafio da existência.

Por fim, neste sentido apresentado acima, este trabalho que aqui concluímos também se pretende arte, e no contato com ele, se em algum momento, mesmo que por um instante, nos esquecermos do passado, e não nos ocuparmos do futuro, não pensamos nos ideais, mas vivermos o instante de vida presente, então, essa arte já terá cumprido sua razão de existir, terá atingido seu motivo de ser. Evidentemente que se abre novos campos para futuras pesquisas, onde poderemos relacionar a filosofia de Nietzsche em sua forma propositiva, tendo a arte como um caminho expressivo da vida e a superação de idealismos.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 3. ed. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- A BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Tradução de Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio – Sociedade Cultura Ltda. Rio de Janeiro, 1976.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução de Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa: Multipo – Artes Gráficas Ltda, 2004.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurelio Século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- GEN – Grupo de Estudos Nietzsche. **Dicionário de Nietzsche**. São Paulo: Loyola, 2016.
- GIACÓIA JUNIOR, Oswaldo. **Labirintos da alma: Nietzsche e a alto-supressão da moral**. Campinas, SP. UNICAMP, 1997.
- GIACÓIA JUNIOR, Oswaldo. **Nietzsche como psicólogo**. São Leopoldo RS. Unisinos, 2001.
- GIACÓIA Junior, Oswaldo. **Nietzsche: o humano como memória e como promessa**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2013.
- GIACÓIA JUNIOR, Oswaldo. **Nietzsche**. São Paulo: Publifolha, 2000. (Folha Explica).
- NIETZSCHE, Friedrich W. **A gaia ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Além do bem e do mal**. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Assim falou Zaratustra**. Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **A Vontade de poder**. Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Aurora: reflexões sobre preconceitos morais**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Comum**, v. 6, n. 17, p. 05-23, jul./dez., Rio de Janeiro, 2001. Disponível em:
[<NIETZSCHE, Friedrich. \(1873\) Sobre verdade e mentira no sentido extramoral \[Trad. Melo Sobrinho\].pdf>](#). Acesso em: 12 jun. 2024.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich W. **O anticristo**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Obra Incompletas**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche hoje: sobre os desafios da vida contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2018.

MARTON, Scarlett. **Extravagâncias: Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche**. 3. ed. São Paulo: Barcarolla, 2009.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche: a transvaloração dos valores**. São Paulo: Moderna Ltda, 2006.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche e a arte de decifrar enigmas – Treze conferências europeias**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1990.